

**JOCINEIDE MACEDO KARIM**

**A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NO FALAR DA COMUNIDADE  
DE CÁCERES-MT**

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Araraquara – São Paulo

2004

JOCINEIDE MACEDO KARIM

**A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO NO FALAR DA COMUNIDADE  
DE CÁCERES-MT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Araraquara-SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosane de Andrade Berlinck

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Araraquara – São Paulo

2004

Karim, Jocineide Macedo  
A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de  
Cáceres-MT/Jocineide Macedo Karim – Araraquara-Sp, 2004-03.05.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck

Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosane de Andrade Berlinck

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladis Massini-Cagliari

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Christina Bentes

Araraquara – São Paulo  
2004

Dedico este trabalho a minha família, e em especial ao meu pai Aduino Felix de Macedo e a meu irmão Joary Felix de Macedo, que apesar de não estarem mais entre nós estarão sempre presentes em nossas vidas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço

À minha orientadora, Profª Drª Rosane de Andrade Berlink com quem tive a oportunidade de conviver durante todo o processo de orientação e que a partir de suas leituras e sugestões, mostrou outros caminhos, com os quais pude construir o percurso para a realização desta dissertação;

Ao Taisir, Hanner, Maher e Laila, que estiveram sempre presentes incentivando-me para que esse sonho se tornasse real;

À Jociane Rosa de Macedo Costa que acreditou e torceu por esse momento;

À Sandra Raquel Cabral, em especial, pelo companheirismo e que disposta ouviu-me e contribuiu ativamente para a realização deste trabalho;

Ao Eduardo Melo Zinhani, que me auxiliou na formatação desta dissertação;

À Professora Gladis Massini-Cagliari, pelas sugestões enriquecedoras dadas no Exame de Qualificação;

Ao CNPq, pela concessão de bolsa de estudos para a realização desta pesquisa;

Aos informantes da comunidade cacerense pela participação direta nesta pesquisa;

Aos Professores do Mestrado de Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, em especial, à Professora Renata Marchezan, pelo profissionalismo sempre presente em todas as atividades desenvolvidas.

## RESUMO

Esta dissertação intitulada “*A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT*”, tem por objetivo analisar a frequência do uso do fenômeno lingüístico focalizando as variantes lingüísticas: *presença e ausência de concordância* na fala dos habitantes nativos da comunidade. Nesse espaço, tentamos explicar esta variação, com a base teórica da Sociolingüística Variacionista. O *corpus* de análise compõe-se de trinta e seis entrevistas que foram gravadas, transcritas e analisadas através do tratamento estatístico. A partir desse método, foi possível perceber que a variação de concordância de gênero é um fato comum na fala da comunidade, e se correlaciona de maneira significativa a fatores extralingüísticos, em especial a idade e a escolaridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolingüística, variação lingüística, morfossintaxe, concordância nominal de gênero, português falado.

## ABCSTRAT

This dissertation, titled "*The variation in gender agreement in the speech community of Cáceres in Mato Grosso*", aims to analyze the frequency of the use of the linguistic phenomenon focusing the following linguistic variants: presence and absence of agreement in the community native speech. In the frame, we try to explain this variation based on the Sociolinguistics theoretical model. The data is composed by third-six recorded, transcribed and analyzed interviews, which are statistically treated. By this method it was possible to perceive that the variation of the gender agreement is a common fact in that community and that it is, motivated mainly by extralinguistic factors.

**Key-Words:** sociolinguistic; linguistic variation; morphosyntax, gender agreement, spoken Portuguese.



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
CAPÍTULO 1	
<b>EMBASAMENTO TEÓRICO</b> .....	21
1.1.Aspectos históricos da evolução dos estudos da língua.....	21
1.2.Fundamentos da Sociolingüística .....	23
CAPÍTULO 2	
<b>A CONCORDÂNCIA NOMINAL</b> .....	28
2.1. O ponto de vista da Gramática Normativa .....	28
2.2. A variação de Concordância .....	31
2.2.1. A variação da concordância nominal de número .....	31
2.2.2. A variação da concordância nominal de gênero .....	33
CAPÍTULO 3	
<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	39
3.1. O corpus .....	41
3.2. A definição e constituição das amostras .....	42
3.3. A entrevista .....	44
3.4. A Transcrição .....	45
3.5. Variáveis Lingüísticas .....	45
3.5.1. A variável dependente: <i>presença vs. ausência de concordância</i> .....	45
3.6. Variáveis Extralingüísticas .....	48

	10
3.6.1. Variável sexo .....	48
3.6.2. Variável idade .....	51
3.6.3. Variável escolaridade .....	52
CAPITULO 4	
<b>ANALISANDO A VARIAÇÃO</b> .....	54
4.1. A variação de concordância segundo o <i>sexo</i> do informante .....	58
4.2. A variação segundo o <i>grau de escolaridade</i> do informante.....	61
4.3. A variação segundo a <i>idade</i> do informante.....	64
4.4. A variação segundo o cruzamento das variáveis <i>sexo e escolaridade</i> do informante .....	68
4.5. A variação segundo o cruzamento das variáveis <i>idade e sexo</i> do informante .....	71
4.6. A variação segundo o cruzamento das variáveis <i>idade e escolaridade</i> do informante .....	75
CAPITULO 5	
<b>CONCLUSÃO</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	84
<b>ANEXOS</b> .....	87

**LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - Células de informantes para entrevistas .....	43
TABELA 2 – Nível de análise .....	48

## LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1:** Frequência de ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação ao nível de análise (sintagma nominal e sintagma verbal)..... 55
- GRÁFICO 2 :** Frequência de ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação à Variável Sexo ..... 58
- GRÁFICO 3:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação à Variável Escolaridade ..... 61
- GRÁFICO 4:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação a Variável Idade ..... 64
- GRÁFICO 5:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação às Variáveis Sexo e Escolaridade..... 68
- GRÁFICO 6:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação às Variáveis Idade e Sexo..... 71
- GRÁFICO 7:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação às Variáveis Idade e Escolaridade..... 75

## APRESENTAÇÃO

A língua constitui um instrumento essencial para a interação do homem com sua comunidade, e através dela, o homem expressa suas idéias, transmite de geração em geração seus costumes e tradições. A língua é dinâmica, pois a todo instante em que é usada ocorre sua renovação e, ao longo da história, ela sofre constantes transformações.

Cada falante é, a seu tempo, usuário e transformador de sua língua. Em razão disso, e para o conhecimento real da cultura de uma determinada comunidade, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou seu modo de viver. Portanto, é necessário vivenciar e observar a forma particular da comunidade se expressar através da língua e entender a realidade que a circunda.

Em determinadas regiões do país as variedades lingüísticas, ainda inexploradas, oferecem desafios a pesquisadores da área da Sociolingüística, embora em todas as comunidades existam variedades que são consideradas “superiores”. Há sempre uma ordenação que valoriza as variedades em uso de uma determinada comunidade, refletindo a hierarquia dos grupos sociais; ou seja, em uma comunidade existem as variedades de prestígio e as não prestigiadas. Dessa forma, a questão da língua padrão é considerada muito importante em sociedades como a nossa que associam a língua ao poder sócio-econômico-cultural.

Esta pesquisa é fruto de uma reflexão sobre o falar da comunidade de Cáceres, que começou a me instigar nos momentos de interação — ocasiões em que pude observar a fala das pessoas, notando uma aparente tendência à falta de “concordância” nas expressões nominais. Foi durante esses momentos, em contato direto com a comunidade, que reconheci a importância de pesquisar os fatos da língua, no que concerne à presença e/ou ausência de concordância nominal de gênero em situações comunicativas específicas, o que

mostra que a língua, como sabemos, revela-se como o instrumento principal da interação do homem com sua comunidade.

No Estado de Mato Grosso existe um campo muito amplo para a pesquisa lingüística. Na cidade de Cáceres-MT, especificamente as variedades lingüísticas são muitas, devido à presença de grupos oriundos de várias regiões do país e da proximidade da fronteira com a Bolívia. Além disso, na faixa da fronteira encontramos ainda uma população formada a partir do encontro entre povos indígenas, oriundos das regiões bolivianas (chiquitano, guató e mojo) e pantaneira do Alto Paraguai (bororo). Após passarem por várias mudanças, os descendentes de índios foram levados a inserir-se nesta comunidade e são chamados de “bugres” deixando de existir como grupo indígena, mas portando uma nova denominação étnica.

Diante do vasto material lingüístico ainda inexplorado, sentimos a necessidade de pesquisar um pouco mais as questões que envolvem a língua oral, com o objetivo de ampliar os nossos conhecimentos, alargando também as possibilidades de, mais facilmente, encontrar alternativas para trabalhar essas questões em sala de aula, valorizando as variedades regionais e, por conseguinte, os alunos que as utilizam.

Nesse espaço, tentamos compreender um fenômeno lingüístico específico desta região com o objetivo de contribuir para a descrição de uma variedade específica do português brasileiro, focalizando a variação na concordância nominal de gênero.

Sabemos da existência de muitas pesquisas que envolvem a variação na marcação de número em estruturas nominais; em relação ao português brasileiro, citamos: Braga (1977); Scherre (1978, 1988), Naro & Scherre (2003). Já a questão da ausência de concordância nominal de gênero não foi discutida nesses estudos, deixando abertura para outros olhares. Entretanto, mesmo que menos visível e não tão difundida na variedade brasileira, a variação na concordância de gênero pode ser incluída em uma tendência geral de

variação. Assim, julgamos que a compreensão dos fatores que favorecem essa variação, no caso do falar cacerense, contribuirá para o entendimento de um processo mais geral da língua portuguesa. Em uma avaliação preliminar, observamos que a ausência de concordância de gênero se manifesta em três situações distintas:

1. Pela indiferença ao gênero no uso de artigos com predominância do uso do masculino, substituindo ou antecedendo palavras femininas:

“saíram pra vir **no** Santa”, (santa é o nome da fazenda)

“Mora **num** casa desses”,

“vou **no** mamãe”. (grifos nossos)

2. A não-marcação do feminino nos adjetivos, os quais podem ser usados no gênero masculino aplicados a seres femininos:

“a gente brincava muito principalmente quando tava lua claro”,

“a infância era maravilhoso”. (grifos nossos)

3. O emprego de pronomes masculinos para se referir a seres femininos:

“assim aqui em casa **eu** tiro roupa de Vaninho, tiro **meu**”,

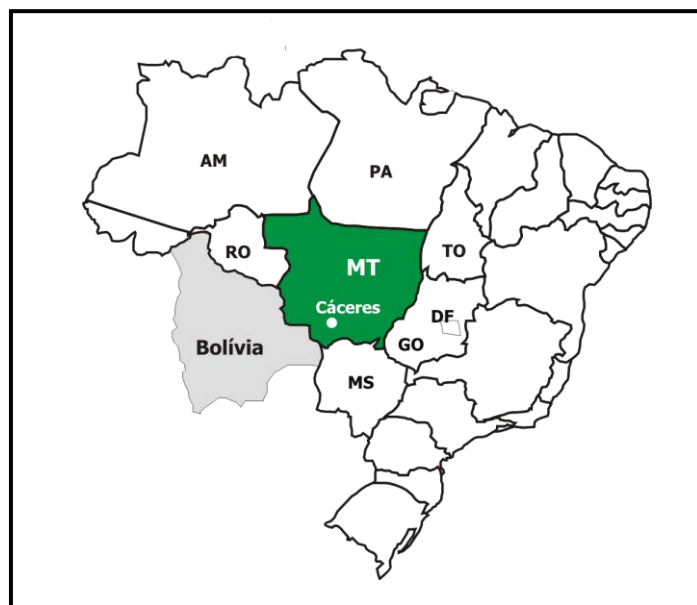
minha mãe trás aí eu pego o **meu** e mando pra eles assim” (mulher falando)”. (grifos nossos)

Diante do quadro apresentado, a pergunta que norteia o nosso trabalho é: qual a frequência da variação na concordância de gênero no falar cacerense? A fim de responder a essa indagação, propusemo-nos realizar um estudo do fenômeno na fala dos informantes nascidos na cidade de Cáceres, utilizando como *corpus* de análise narrativas das

experiências vividas pelos informantes. Tal análise é feita sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista.

Em consequência disso, um estudo no campo da variedade linguística no nosso país é sempre interessante. E para nossa atuação como professora, em cursos de formação de professores, a relevância de estudos dessa natureza ainda é maior. A partir desta pesquisa, pretendemos criar oportunidades para a realização de novos trabalhos investigativos nesta área, envolvendo não só alunos da graduação, mas, principalmente, os professores da rede pública do ensino, por meio de projetos interinstitucionais. Desejamos ampliar o debate em torno do ensino de língua, enfatizando a necessidade do ensino da língua padrão, sem deixar de valorizar as variedades locais, aquelas que circulam entre os alunos.

Como o nosso objetivo é o estudo das variantes linguísticas: *presença de concordância de gênero e ausência de concordância de gênero* na fala dos habitantes nativos da comunidade de Cáceres, faz-se necessário, então, para uma melhor contextualização e compreensão do assunto, conhecermos um pouco da história da formação da comunidade cacerense. Para isso, apresentamos o mapa do Brasil, com o intuito de destacar apenas os estados circunvizinhos ao Estado de Mato Grosso, e o país vizinho, a Bolívia, que faz fronteira com várias cidades brasileiras, principalmente a cidade de Cáceres.





Para compreender a influência do fator geográfico no falar da comunidade de Cáceres, apresentamos um breve relato histórico da formação do Estado de Mato Grosso e, mais especificamente, da comunidade de Cáceres.

O Estado de Mato Grosso já abrangeu 1.477.041 km; foi o maior Estado do país em extensão territorial. O que hoje são os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia era apenas Mato Grosso. Essa região viveu longo período etno-histórico, em que tribos indígenas dominavam todo o território.

No início do século XVIII, ocorreu a ocupação do Estado de Mato Grosso por etnia européia, a partir do descobrimento das Minas de Cuiabá por bandeirantes paulistas que vieram à procura dos povos indígenas para escravização. A partir desse acontecimento, desenvolveu-se a colonização da região sob a dominação portuguesa. O descobrimento das minas de ouro despertou interesse por esta imensa região que, de direito, não pertencia ao trono lusitano e, sim, à coroa espanhola, tal como definido no Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. Somente a partir da assinatura do Tratado de Madrid em 4 de janeiro de 1750, é que o território mato-grossense passou a ser oficialmente da Coroa Portuguesa.

Tendo mencionado brevemente os povos que ocuparam o território correspondente ao Estado de Mato Grosso, damos um salto na história e tratamos da fundação da cidade de Cáceres. Cáceres foi fundada no dia 6 de outubro de 1778, por Luis de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, com o nome de Vila-Maria do Paraguai, em homenagem à rainha reinante D. Maria I: essa povoação situava-se na margem oriental do rio Paraguai, sete léguas ao norte da foz do Jauru e na confluência dos rios Sepotuba e Cabaçal, no caminho de Vila-Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá. Mais tarde, em 1864, elevada à categoria de cidade, veio a denominar-se São Luís de Cáceres e, hoje, simplesmente, Cáceres. De acordo com Barros *apud* Mendes (1973), os motivos da fundação da cidade são os seguintes:

1. abrir uma porta de navegação com São Paulo. Albuquerque elaborara uma carta hidrográfica que estabelecia as diretrizes de navegação fluvial para São Paulo desde o norte de Mato Grosso por Vila Maria e nordeste por Cuiabá;
2. promover a defesa e incremento da fronteira sudoeste;
3. explorar a fertilidade do solo regado por abundantes águas e cheio de pastagens, bom prenúncio de riqueza e prosperidade agrícola;
4. facilitar as comunicações entre Vila Bela e Cuiabá e o desenvolvimento das relações comerciais entre os dois centros populacionais mais importantes da região mato-grossense;
5. acolher cerca de 78 índios de ambos os sexos, oriundos das províncias castelhanas dos chiquitos e dos Moxos, que o Governador até atraía com dádivas e regalias especiais muito vantajosas, e que haviam construído algumas cabanas, aos quais se reuniam 161 outras pessoas. (BARROS *apud* MENDES, 1973, p. 31 - 32).

Ainda segundo Mendes (1973), o município de Cáceres possui uma área de 30.772 Km<sup>2</sup>, limitando-se com os municípios de Barra do Bugres, Nossa Senhora do Livramento, Porto Esperidião e com o país vizinho, a Bolívia.

A cidade de Cáceres permaneceu isolada de 1778 a 1938, pois o acesso a ela era feito somente por meio da via fluvial, o que o tornava oneroso, além de exigir muito tempo de viagem. Podemos pressupor que esse seja um dos motivos de se terem conservado os costumes e as tradições da comunidade, preservando um modo próprio de falar embora não imune às mudanças decorrentes da dinamicidade inerente a toda língua.

A partir de 1940, Cáceres tornou-se um importante centro político - econômico da região sudeste de Mato Grosso, atraindo assim imigrantes de várias regiões do país. A cidade sofreu um enorme impacto migratório devido às grandes campanhas feitas no sul e sudeste do país pelas empresas de colonização. Essa migração trouxe consigo culturas e variedades lingüísticas de outros grupos que se misturaram à variedade lingüística do povo cacerense daquela época.

Atualmente, a cidade de Cáceres conta com uma população de aproximadamente 85.504 habitantes, sendo que muitos desses são oriundos das mais diversas regiões do Brasil e do mundo. Nos últimos anos, o número de imigrantes em busca de melhores condições de vida nesse município acentua-se consideravelmente, causando um forte impacto na sua estrutura sócio-econômico-cultural, de maneira que um dos fatores responsáveis pela implementação de fenômenos lingüísticos e pelas transformações dos falares da região pode ser decorrente dessa imigração.

Como veremos no decorrer da pesquisa, esse breve relato histórico é fundamental para nossa análise, podendo nos fornecer subsídios importantes para uma reflexão que pretende considerar a influência da cultura na determinação de um fenômeno lingüístico da região. Ressaltamos, mais uma vez, a importância desses estudos para o Mato Grosso, pois somente agora a região conta com um pequeno grupo de pesquisadores na área, preocupados em registrar essas ocorrências na fala de nativos, para resgatar a cultura do povo mato-grossense.

Esta dissertação, que apresenta e discute os resultados de tal investigação, se organiza como segue:

Capítulo I – Embasamento Teórico: são apresentados os aspectos históricos da evolução dos estudos da língua até o surgimento da Sociolingüística, focalizando, sobretudo os pressupostos teóricos que dão sustentação às análises desenvolvidas neste estudo.

Capítulo II - Para caracterizar nosso objeto de estudo discutimos a forma como a gramática normativa descreve a concordância nominal, apresentando ainda algumas reflexões desenvolvidas por lingüistas que também tratam dessas questões.

Capítulo III – Referencial metodológico: neste capítulo descrevemos o método utilizado na pesquisa, detalhando a formação do *corpus*, sua realização, as entrevistas,

a transcrição, a definição e constituição das amostras, as variantes lingüísticas e extralingüísticas, até os procedimentos utilizados para a análise.

Capítulo IV - Analisando os dados: após a quantificação dos dados fornecidos pela análise estatística, constatamos a freqüência em que a variação ocorre, considerando fatores lingüísticos e extralingüísticos, buscando interpretar essas correlações.

Capítulo V - Considerações Finais: diante dos estudos realizados em torno da concordância nominal do gênero, procuramos identificar o processo utilizado pelos falantes da cidade de Cáceres, de forma a explicar teoricamente como o fenômeno ocorre.

## CAPÍTULO 1

### 1. EMBASAMENTO TEÓRICO

#### 1.1. Aspectos históricos da evolução dos estudos da língua

De acordo com Câmara Jr. (1986) e Alkmim (2001), no século XVIII já estavam sendo desenvolvidas idéias significativas no campo da Ciência da Linguagem. O estudioso alemão Wilhelm Von Humboldt, que viveu entre o século XVIII e XIX, desenvolveu uma abordagem filosófica da linguagem que tenta explicar a natureza e o mecanismo da linguagem, mostrando os fundamentos do estudo descritivo como um aspecto da lingüística.

Para Humboldt, a língua era uma atividade incessante, um trabalho intelectual utilizado para expressar o pensamento. Esse lingüista visualizou a língua sob a influência do poder mental, mutável de seus falantes e distinguiu dois períodos definitivos na língua: um criativo, com um instinto lingüístico crescente e ativo e outro, em que o instinto declina uma estagnação aparente tem início com respeito *energia* da língua (CÂMARA JR., 1986, p.29).

Porém, os estudos de Humboldt ficaram isolados no seu tempo, uma vez que os fundamentos da lingüística tomaram uma direção muito diferente, partindo para o estudo histórico-comparativo da linguagem.

Foi ainda no século XIX que a concepção subjacente à lingüística histórico-comparativa se desenvolveu com o estudo filológico do sânscrito. O lingüista alemão Schleicher inseriu os estudos da linguagem no campo das ciências naturais, tirando-os

da tradição filológica. Para esse estudioso alemão, a linguagem era como uma planta que nasce, cresce e vive conforme as leis físicas. Essa visão leva os estudos lingüísticos a se afastarem da ordem social e cultural.

É apenas no século XX que se observa um novo interesse quanto à relação linguagem-sociedade. Nesse período, muitas obras fazem referência à questão social no campo dos estudos lingüísticos. Podemos citar autores que já não conseguem ver a história das línguas separada da história da cultura e da sociedade como: Meillet, Bakhtin, Jakobson, Marcel Cohin, Benveniste. Outros estudiosos, posteriormente, vieram a se tornar referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a relação linguagem e sociedade. Entre eles: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, entre outros.

O enfoque da relação língua – sociedade começa a se constituir como área da lingüística no início do século XX com a Antropologia, a partir de atividades desenvolvidas por vários pesquisadores que deram continuidade à tradição de Boas (1911) – cujos trabalhos tinham como objetivo descrever e classificar as línguas indígenas americanas – e de seus discípulos Edward Sapir e Benjamim L. Worf (1941). Dessa forma, linguagem, cultura e sociedade são fenômenos que passam a ser considerados como inseparáveis. Assim, surgiu a definição de uma nova área, vinculada à Lingüística, em que o fenômeno lingüístico está relacionado ao contexto social.

Em 1962, o pesquisador Dell Hymes publica um artigo que propõe a Etnografia da Fala ou Etnografia da Comunicação como novo domínio de pesquisa e, a partir do deslocamento do enfoque tradicional sobre o código lingüístico, pretende descrever e interpretar o comportamento lingüístico no contexto cultural, procurando definir as funções da linguagem com base na observação da fala e das regras sociais próprias de cada comunidade.

Em 1963, William Labov publica um importante trabalho para a Sociolingüística sobre a comunidade da Ilha de Martha's Vineyard em Massachusetts. Labov

mostra nesse trabalho que o papel dos fatores sociais é decisivo na variação lingüística observada na comunidade. Em seguida, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova York, na qual apresenta um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas. Este modelo causou um grande impacto na Lingüística Contemporânea e é conhecido como Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Lingüística.

Assim, constatamos que a, constituição da Sociolingüística, como área propriamente dita da Lingüística, é precedida pelo trabalho de pesquisadores norte-americanos que buscavam relacionar a linguagem com aspectos sociais e culturais.

## **1.2. Fundamentos da Sociolingüística**

A constituição da Sociolingüística como área da Lingüística se dá, mais precisamente, em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright. O organizador apresentou os trabalhos sob o título *Sociolinguistics* e em 1966 publicou esses trabalhos e escreveu um texto introdutório “*As dimensões da Sociolingüística*”, em que define e caracteriza essa área de estudo.

Segundo Alkmin (2001), a Sociolingüística tem como “seu objeto principal o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada no contexto social, em situações reais de uso”. Portanto, o ponto inicial desse tipo de investigação é a comunidade lingüística - aquela formada por “pessoas que interagem verbalmente e compartilham das mesmas normas com respeito aos usos lingüísticos”. Na comunidade é que acontece a constatação da existência da diversidade ou variedade lingüística, pois, em toda comunidade as pessoas

utilizam modos diferenciados para falar. Sobre esse ponto da lingüística descritiva, Labov afirma:

Os procedimentos da lingüística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade lingüística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura lingüística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralingüísticos (Labov, *apud* Monteiro, 2000, 13)<sup>1</sup>.

Tendo afirmado, que, o primeiro passo a ser tomado ao iniciarmos um estudo da variação lingüística é o de se refletir sobre a natureza da linguagem humana e percebê-la em suas características essenciais, Labov ressalta que, dois aspectos devem ser discutidos: o primeiro está relacionado ao caráter eminentemente social dos fatos lingüísticos e o segundo aspecto está relacionado à percepção da variabilidade a que tais fatos estão submetidos. Essa variabilidade deve ser descrita e analisada.

Desse modo, o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade da língua não é aleatória, mas ordenada por regras. São essas regras que levam o falante a usar certas formas e não outras no ato da comunicação. Citamos abaixo a leitura que Naro faz de Labov.

O pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade lingüística, tal como a homogeneidade lingüística, não é aleatória, mas regulada, i.é., governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras categóricas que obrigam o falante a usar categoricamente certas formas (a casa) e não outras (casa a), também existem condições ou regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas variáveis em cada contexto. (Naro *apud* Mollica, 1992, p. 17).

---

<sup>1</sup> The procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norms. It has been useful in the past to consider these norms as invariants, shared by all members of the speech community. However, close studies of the social context in which language is used show that many elements of linguistic structure are involved in systematic variation which reflects both temporal change and extralinguistic social processes (Labov, 1968: 241).



Essa variabilidade é precedida por condições ou regras variáveis que funcionam favorecendo ou desfavorecendo o uso das formas variáveis. Desse modo, as variantes na língua podem estar em competição, no sentido de que o falante ora pode fazer o uso de certa forma e ora de outra variante, contudo é possível identificar uma série de categorias independentes que influenciam o falante neste uso. Essas categorias podem ser internas ou externas ao sistema lingüístico. As primeiras dizem respeito a fatores lingüísticos e as segundas categorias envolvem os fatores extralingüísticos (idade, sexo, nível escolar, nível sócio-econômico, etc.). Acompanhando essa linha de pensamento, citamos um trecho da fala de Camacho (2001):

A Sociolingüística Variacionista vê a relação entre estrutura lingüística e social da seguinte maneira: dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam da mesma maneira; do mesmo modo, um único falante raramente se expressa da mesma maneira em duas diferentes circunstâncias de comunicação. Sendo assim, o que a Sociolingüística faz é correlacionar variações existentes na expressão verbal a diversidades sociais, entendendo cada domínio, tanto o lingüístico como o social, como fenômenos estruturados e regulares. Se um falante enuncia o verbo “vamos” como [vãmus] e o outro falante o enuncia como [vãmu], afirmamos, com base na teoria da Sociolingüística, que essa variação existente na fala não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconstante dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas, que é a possibilidade de variação. (CAMACHO, 2001, p. 50).

Por outro lado, Monteiro (2000) lembra que nem todos os fatos da língua estão sujeitos à variações, e que existem regras gramaticais que se definem como categóricas, já que um falante não pode violá-las. Essas regras definem o que é e o que não é possível na língua. Por exemplo: em romeno, o artigo se pospõe ao nome, já em português e em outras línguas, o artigo antecede o nome, e se houver qualquer alteração desse emprego, a construção torna-se agramatical. O falante não pode alterar essa ordem sob pena de dificultar ou inviabilizar a compreensão dos enunciados. Esse conjunto de regras internas costuma ser nomeado de *invariantes*.

Quanto às regras variáveis, Lucchesi, destaca que elas predominam sobre as invariantes. Segundo o autor (2000), as regras variáveis significam que os atos de fala que formam os padrões de comportamento lingüístico de uma dada comunidade são determinados por fatores relativos:

- a) ao conhecimento intuitivo que faz do indivíduo um membro da comunidade de fala;
- b) a certas características sociais do falante, tais como, sexo, idade, nível de escolaridade, classe social, etc;
- c) aos juízos de valores que o falante possa ter sobre as escolhas no repertório lingüístico da comunidade;
- d) à relação ideológica que rege o ato de interação verbal, que se manifesta através de manifestações de poder, estratégias de persuasão, nível de interesse na conversação, etc.
- e) as circunstâncias específicas nas quais se realiza o ato de fala, relativamente ao conhecimento compartilhado entre as pessoas, a intervenção eventual de outras pessoas ao ato em questão, etc.

Lucchesi (2000) ainda forma explicações sobre o esquema probabilístico de fatores que condicionam o comportamento lingüístico da comunidade:

Para integrar a maior gama de fatores que possam ser apreendidos num esquema probabilístico que correlaciona os fatores considerados na análise de um determinado fato da língua, tal análise poderá fazer predições em termos de agregados, e não de indivíduos. Ou seja, não será capaz de afirmar categoricamente que o falante X de uma comunidade de fala A, usará a forma lingüística  $x$  no contexto lingüístico  $/X\_Y/$ , mas poderá afirmar que o falante com as características  $x$ , numa determinada situação  $y$ , etc, tenderá a usar a forma lingüística  $a$  no contexto lingüístico  $/X\_Y/$  na proporção = Tal informação não é relevante para a compreensão do

conhecimento internalizado que torna os indivíduos membros da comunidade de fala A, mas constitui a base do conhecimento acerca do comportamento lingüístico dos seus membros. (LUCCHESI, 2000, p. 129)

O conhecimento acerca das normas de comportamento lingüístico tem uma importância intrínseca no que se refere ao conhecimento a que se deve chegar sobre uma determinada língua histórica, além da importância decorrente do fato de ser ela o campo principal para se tratar da questão da mudança lingüística, na medida em que as mudanças que se observam nas línguas nada mais são do que as alterações nas freqüências de uso de uma determinada língua.

Com base nessa visão, optamos por estudar nesta pesquisa a freqüência da variação na concordância nominal sob o enfoque da Sociolingüística, pois essa área do conhecimento afasta-se do tipo de análise que considera apenas categorias gramaticais para o entendimento das variedades lingüísticas, estudando os fenômenos lingüísticos a partir de uma perspectiva mais ampla. A Sociolingüística apreende a variação lingüística em sua relação com o contexto social em que essa variação está inserida.

Acompanhando essas noções, que, somente a partir de um estudo voltado para os fatores sociais, é possível compreender e explicar como a variação de concordância acontece no falar cacerense. É precisamente disso que trata esta dissertação. Ela se baseia fundamentalmente nos instrumentos teóricos da Sociolingüística, com o propósito de mostrar a freqüência da variação e identificar como ela ocorre no falar cacerense.

## CAPÍTULO 2

### 2. A CONCORDANCIA NOMINAL

#### 2.1. O PONTO DE VISTA DA GRAMÁTICA NORMATIVA

Neste capítulo, apresentamos uma breve discussão que envolve a concordância nominal, que compreende as observações realizadas nas gramáticas normativas dos autores: Bechara (1986, 2002), Barros (1985), Almeida (1995), Cegalla (1987). Esses autores representam, no seu todo, uma fala homogênea sobre o tema da concordância nominal.

A definição dada por Bechara sobre esse assunto é representativa dessa fala homogênea nas gramáticas normativas.

Chama-se concordância ao fenômeno gramatical que consiste em o vocabulário determinante se adaptar ao gênero, número ou pessoa do vocábulo determinado.

A concordância pode ser nominal ou verbal. - Diz-se concordância nominal a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (vocábulos determinantes) e o substantivo ou pronome (vocábulos determinados) a que se referem. (BECHARA, 1986, p. 295).

Ao lado da definição gramatical do fenômeno de concordância, os gramáticos procuram exemplificar tal fenômeno através de orações como em Bechara (1986):

*O capitão rosou alguma cousa, deu dous passos, meteu a mão no bolso, sacou um pedaço de papel, muito amarrotado; depois, a luz de uma lanterna, leu uma ode horaciana sobre a liberdade da vida marítima.* (M. de Assis, Brás Cubas, 65).

Como o fenômeno de concordância tem uma tendência de conceituação homogênea, passamos a mostrar os vários casos do fenômeno da concordância nominal, conceituado por Bechara (1986):

1) Concordância de vocábulo para vocábulo:

a) Há um só vocábulo determinado. O vocábulo determinante irá para o gênero e número do vocábulo determinado:

“Os bons exemplos dos pais são as melhores lições e a melhor herança para os filhos” (M. de Marica).

“Eu amo a noite solitária e muda (Dias *apud* Bechara, 1986, p. 296).

b) Há mais de um vocábulo determinado. Nesse caso se os vocábulos determinados forem do mesmo gênero, o vocábulo determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou concordará, principalmente se vier anteposto, em gênero e número com o mais próximo: “o tom e gesto caricioso, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo” (Camilo *apud* Bechara, 1986, p. 296).

c) Há um só vocábulo determinado e mais de um determinante. O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: As literaturas brasileira e portuguesa ou A literatura brasileira e portuguesa ou A literatura brasileira e a portuguesa: “Li um anúncio, convidando mestra de línguas inglesa e francesa para o colégio” (Camilo *apud* Bechara, 1986, p. 296).

Percebemos em Bechara (2002) a mudança da nomenclatura de *vocábulo* para *palavra*. Percebemos, ainda, que no último item que trata da palavra determinada, o autor suprimiu alguns exemplos utilizados nas edições passadas e lançou novos exemplos como: *As séries quarta e quinta; A quarta e quinta série (ou séries)*.

Além desses casos de concordância nominal, seguem outros apresentados por Bechara (2002), casos em que ocorre o fenômeno de concordância nominal.

2) Concordância de palavra para sentido (referência). A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a forma da palavra determinada para levar em consideração, apenas, a referência a que esta se alude: o (vinho) champanha, o (rio) Amazonas.

Entre outros casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

- 1) as expressões de tratamento do tipo V. Ex. <sup>a</sup>, V.S., etc.  
V. Ex é atencioso (referindo-se a homem)  
V. Ex <sup>a</sup>. Atenciosa (referindo-se à mulher)

Visto dessa forma, Barros (1985), confirma a concordância que se constitui através do sentido nos exemplos:

Em nossa língua, a concordância que se opera entre todos os elementos intervinculados pelo sentido constitui o que se chama redundância – excesso de flexões, que se adaptam ao elemento da interrelação frasal. Assim, o sujeito impõe as flexões do seu determinante, o substantivo ao adjetivo etc.

A língua inglesa, de modo geral, é despojada desse sistema. O adjetivo por exemplo, não se flexiona.

A linguagem de nosso povo foge da redundância. Para ela basta uma flexão para indicar as dos demais membros frasais interrelacionados e diz, por exemplo:

*Os menino chorava aflito/ Os cabra vinha de peixeira e nós estava de olho.*(BARROS, 1985, p. 264-5).

Além disso, Barros mostra através dos exemplos citados acima, que não devemos aceitar de nossos alunos tal comportamento lingüístico, pois conforme o autor, devemos:

*corrigir a fala popular dos estudantes menos experientes e cumprir lembrar que, com nossas palavras, estamos apenas assinalando um fato, não uma condenação à redundância. Ela se impõe aos falantes que usam a linguagem culta e faz parte da estrutura de nossa língua.* (BARROS, 1985, p.265).

Desse modo, os autores enumeram as regras da concordância nominal, separando caso a caso, descrevendo-as e exemplificando-as. Contudo, os exemplos dados, em sua maioria são da língua padrão e estão distantes do português falado em determinadas regiões do Brasil.

Portanto, a gramática normativa, a concordância nominal é à base do uso correto da língua portuguesa, sem distinção, tanto da língua falada como da língua escrita. Desse modo, o falante da língua portuguesa deve utilizar a linguagem culta, pois se o falante fizer o contrário, corre o risco de não ser compreendido, e de ser considerado inexperiente ou até mesmo estigmatizado.

E como nosso objeto de estudo não é a língua padrão e sim a língua regional que é regida por regras diferentes da gramática normativa, e sim, por regras de cunho

sócio-cultural, passamos a discutir a seguir a variação de concordância nominal no português falado no Brasil.

## **2.2. A VARIAÇÃO DE CONCORDÂNCIA**

### **2.2.1. A variação da concordância nominal de número**

Apresentamos aqui uma breve discussão sobre a variação de concordância nominal de número na língua portuguesa falada no Brasil. Geralmente nas variedades populares da língua falada destaca-se a ausência de concordância ou a concordância variável de número no interior do sintagma nominal e nos processos de predicação; esse fenômeno já tem sido amplamente estudado e os resultados das pesquisas indicam como padrão predominante a marcação do número exclusivamente no determinante.

Amadeu Amaral (1920), em sua descrição do “dialeto caipira”, mostrou que o plural dos nomes é indicado geralmente pelos determinativos: *os rei, duas dama, certas hora, aqueles minino, minhas erma, suas pranta*.

Antenor Nascentes (1953), por sua vez, pesquisou a fala popular do Rio de Janeiro e concluiu que o plural do falar carioca é indicado pelos pronomes-adjuntos ou pelos numerais que precedem o substantivo, por exemplo: *poucos livro*.

Segundo Mário Marroquim (1934), em seu estudo sobre a língua popular nos Estados de Alagoas e Pernambuco, “o número, no dialeto nordestino é indicado apenas pelo determinativo, o substantivo e o adjetivo qualificativo, quer estejam no singular, quer no plural, conservam a forma invariável que é a do singular”.

O estudo mais amplo até agora desenvolvido sobre a variação da concordância de número no SN, em uma variedade do português falado no Brasil, é sem dúvida, a pesquisa de Scherre (1978, 1988, 1996). Sua investigação envolveu falantes universitários e falantes que estavam sendo alfabetizados na área urbana da cidade do Rio de Janeiro. Entre os resultados obtidos, Scherre constatou que as mulheres semi-alfabetizadas preservam a norma padrão. Elas fazem mais a concordância do que os homens semi-alfabetizados. Já os homens universitários, utilizam mais a norma padrão do que as mulheres com o mesmo nível de escolaridade.

Mostrando um panorama do fenômeno de variação na concordância de número Scherre (1994) concluiu que:

O fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marcas de plural e não aos contextos lingüísticos nos quais a variação ocorre. Dos trabalhos realizados, conclui-se, portanto, que o fenômeno da variação de número no português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação lingüística inerente, tendo em vista que ocorre em contextos lingüísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis. (SCHERRE, 1994, p.38 ).

Portanto, podemos afirmar que a variação na concordância nominal de número no português do Brasil está implementada no sistema lingüístico atingindo desde as variedades populares até a variedade padrão real. Na variedade popular o que predomina geralmente é o fato de apenas se indicar o plural nos determinantes, que se localizam à esquerda do nome, principalmente no primeiro elemento. Dessa forma a concordância nominal de número no interior do sintagma nominal está praticamente sem uso nas variedades lingüísticas brasileiras. Vamos encontrar um quadro bastante diferente para a concordância nominal de gênero, objeto deste estudo, como veremos na seção que segue.



### 2.2.2. A variação da concordância nominal de gênero

As descrições da variação na concordância de gênero na língua portuguesa falada no Brasil não levam à conclusões tão unânimes como na concordância de número. Essas descrições são, na verdade, de certo modo, contrastantes. A respeito da variação na concordância de gênero dos adjetivos que se situam à direita do substantivo, e nos processos de predicação, Amadeu Amaral (1920) afirma: *o adjetivo e o particípio passado deixam, freqüentemente, de sofrer a flexão genérica: essas coisarada bunito, as criança távum quéto, as criação ficarum pestiado*. Rodrigues (1974) confirmou essa variação ao estudar a variedade.

Já Marroquim (1934), ao pesquisar a linguagem popular do Nordeste, atingiu resultados que indicam a direção contrária à maioria dos trabalhos já realizados. O autor afirmou que *havia perfeita concordância de gênero entre o adjetivo e o substantivo*. Nesta mesma direção, Veado (1982), pesquisando uma microrregião rural do Estado de Minas Gerais, concluiu que a regra de concordância de gênero ocorre de modo geral tanto na língua falada como na escrita. Essas afirmações contrastam com a afirmação de Amaral e de Rodrigues.

Ferreira (1994) relata uma pesquisa realizada na Vila de Helvécia, município de Mucuri localizado na Zona Fisiográfica do Extremo Sul da Bahia, no início dos anos 60. Os inquiridores do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* entraram em contato com a comunidade para apurar se eram verídicas as informações verbais de que existiam ainda, naquela área, vestígios de um falar crioulo na boca da população quase toda de negros.

A autora enumera alguns dados lingüísticos que confirmaram as informações da existência ou de remanescentes de um falar crioulo brasileiro. Muitos fatos

são comuns também em outras áreas do Brasil. O que chamou a nossa atenção foram os fatos lingüísticos que também ocorrem na comunidade cacerense, a saber<sup>2</sup>:

(1) na morfo – sintaxe: ausência de artigo em seqüências como:

kwãdu a'bri'ža'nela	'quando abri janela'
io 'sabi 'dia du 'ãnu	'io sabi dia du ano'

Quando ocorre o artigo, é comum se usar a forma de masculino pela forma de feminino e vice – versa, mesmo o artigo estando isolado como em:

(2) 'io nã 'pódi rũ'ma u'kaza            'io non podi ruma u casa'

ou em contração, como os exemplos:

(3) Io 'vai kũma ves'tida nu'kopu	'io vai cuma vestida nu corpo'
Isdrupi'zia 'da'te nu kria'sãũ	'idrupizia dá te nu criação'
nu ista'sõ	'nu istá só'
'ségu 'dũma óiu	'segu дума olho'

Observa-se, ainda, a falta de concordância de gênero, no nível do sintagma nominal, como em (4) e (5):

(4) - substantivo + adjetivo  
 cabelo 'grossa  
 'téra 'meiu mó'iadu    'terra meio molhadu'

(5) - pronome + substantivo  
 esi išta'sõ                    'essi istá só'  
 e até numa frase verbo-nominal  
 - pronome + adjetivo  
 ela é 'mũitu as'idu

O último exemplo apresentado por Ferreira é “me a'vo é lava'deru” (me avo é lavaderu). Neste exemplo, a informante referia-se à sua avó e não ao seu avô. Apenas o contexto da enunciação permite estabelecer o gênero do referente.

Ferreira citou o rol de exemplos como peculiares da fala da comunidade de Helvécia, pelo menos quando a autora comparou com os dados colhidos na Bahia e em Sergipe. Os fatos realmente são interessantes e nas observações de caráter impressionístico

<sup>2</sup> Os exemplos que seguem foram emprestados de Ferreira (1994), p. 28 e 29.

que tivemos a oportunidade de fazer, acreditamos que essas variações não ocorrem somente em Helvécia e podem ocorrer em outros estados que possivelmente não foram sistematizadas.

Portanto, é válido destacar que a comunidade de Helvécia, na Bahia, permaneceu isolada por muito tempo, devido ao difícil acesso. Certamente, os nativos conservaram sua cultura, fixando um modo próprio de falar, o que reforça o entendimento de que as variedades lingüísticas de uma comunidade estão estreitamente associadas ao seu próprio processo de formação cultural.

Já, Lucchesi & Macedo (1997) observaram, entre outros fenômenos, a variação da concordância de gênero no português falado pelos índios no Parque Nacional do Xingu. Os pesquisadores concluíram que o nível de não realização da concordância de gênero no sintagma nominal atingiu um percentual de 80 % do total de 907 sintagmas nominais que constituíram a base dos dados da análise. Os autores afirmaram que esses resultados ocorreram pela aquisição precária do português como segunda língua.

Sem querer entrar em uma discussão mais aprofundada a respeito do processo de transmissão lingüística irregular citado por Lucchessi, trazemos aqui uma experiência que é válida ser ressaltada. Trata-se da nossa participação como docente na VI Etapa de Estudos Presenciais na disciplina de Línguas, Artes e Literaturas no 3º Grau Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso que aconteceu de 12 a 20 de janeiro de 2004 na cidade de Barra do Bugres-MT. Na oportunidade, observamos o mesmo processo de variação que atinge o mecanismo sintático da concordância de gênero do português do Xingu, citado por Lucchesi. Notamos ainda que essa variação atinge aparentemente outras etnias além dos Xavantes, estudados por Lucchesi (1997).

Nessa ocasião, tivemos contato com trinta e seis etnias de todo o Brasil (Bakairi, Ikpeng, Kalapalo, Kaxinawa, Kuikuro, Manchineri, Matipu, Mehinako, Paresi, Terêna, Trumai, Bororo, Kaingang, Karajá, Rikbasktsa, Suyá, Apiaká, Baré, Irantxe, Juruna,

Kamaurá, Kayabi, Munduruku, Nambikuara, Pataxó, Potyguara, Tapeba, Tapirapé, Ticuna, Tukano, Tupinikim, Tuxá, Umutina, Wassu cocal, Xavante). Os acadêmicos que fazem parte dessas etnias são professores em suas aldeias.

Os alunos têm a língua portuguesa como a segunda língua, utilizando-a nos momentos de interação com a turma do terceiro grau indígena e com seus alunos do ensino fundamental e médio. Em outros momentos, os acadêmicos se comunicam na língua específica da etnia. Percebemos que, quando os membros do grupo estão em interação com pessoas da mesma etnia, utilizam a língua específica de sua etnia e percebemos também, que somente o grupo compreende o que está sendo dito.

Todos os acadêmicos falam e escrevem a língua portuguesa. Quanto ao processo de variação da concordância de gênero, observamos que há uma possível tendência de uso da variante *presença e ausência da concordância de gênero* por algumas etnias. Notamos ainda que essa variação está aparentemente presente não só na língua falada, mas também na língua escrita.

O que esse breve contato nos sugeriu é que, o uso da variante de *ausência de concordância de gênero* está presente nas etnias que estão fixadas no interior do Estado do Mato Grosso, tais como os Xavantes, Bororos, Kaiabi, Pareci, Nambikwara, Bakairi e os Karajás. Acreditamos que, nesse processo, é preciso considerar que essas etnias têm pouco contato constante com os não-índios, mantendo, dessa forma, sua cultura, costumes e rituais inalterados, como pudemos notar durante os trabalhos realizados.

Lucchessi (2000) voltou a pesquisar a comunidade de Helvécia e estendeu seu estudo a uma outra comunidade no interior da Bahia, coincidentemente chamada, Mato Grosso. Nessa comunidade os resultados da pesquisa mostraram que o quadro de variação está estruturado em relação à concordância nominal de gênero. Já em Helvécia, há evidência de que a variação na concordância de gênero é o resultado de um processo anterior de

transmissão lingüística irregular. O resultado da análise mostrou um nível de variação um pouco inferior aos cinco pontos percentuais, demonstrando que há um processo de mudança em curso na comunidade de Helvécia. Esse quadro mostra a mudança em relação à situação anterior, quando a variação era mais ampla, como afirma Ferreira (1994).

Lucchesi (2000) ainda afirma que, nas observações que fez junto a sete comunidades afro-brasileiras isoladas no interior dos Estados da Bahia, Piauí e Espírito Santo, a variação na concordância de gênero na comunidade de Helvécia-Bahia, foi confirmada por uma análise sistemática. Embora para as demais comunidades o pesquisador não tenha realizado uma análise sistemática dos dados, suas observações não constaram a variação na concordância de gênero no interior do sintagma nominal, mas apenas nas relações de predicação, em frases como: *“As coisas tá muito caro.”*

Para além do Estado da Bahia, passando para o interior de São Paulo, a fala popular de comunidades afro-brasileiras foi estudada por Mary do Careno (1991) em sua tese de doutorado intitulada *A linguagem rural do Vale do Ribeira: A voz e a vez das comunidades negras*. Analisando o fenômeno da concordância de gênero, a autora verificou que a variação não se restringe aos adjetivos situados à direita do nome, atingindo também os determinantes que antecedem o nome como em:

(6) *“A casa estava cheio de gente estranho”*  
*“Aqui o nosso cumida aqui é... é cumida pra alimentação de prato memo.”*  
*“Ali era muito subida”*

O falar dessa comunidade originou-se da miscigenação que ocorreu na região. Após as atividades de mineração do ouro da região, permaneceram os descendentes dos escravos africanos provenientes do cruzamento dos portugueses bandeirantes com os índios, ocorrida na colonização que tem como base o dialeto caipira da região paulista.

A variação na concordância de gênero constitui no panorama lingüístico brasileiro como pudemos observar, um fenômeno bem mais localizado do que a variação na concordância de número, dependendo muito das razões históricas de colonização de cada região.

Com relação à concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT, notamos que os cacerenses utilizam vários modos de se expressar, através da linguagem padrão regida pelas normas da gramática e também pela linguagem regional. Nesta última, os habitantes nativos tendem a não concordar em gênero os adjuntos com o núcleo do sintagma nominal e verbal ou o predicativo com o sujeito, nas orações. Tendo isso em conta, restringiremos nosso estudo à variação exclusivamente de concordância – nível morfossintático de análise - que se verifica no interior do Sintagma Nominal e na relação de predicação no nível da frase, quando o núcleo do sintagma é constituído de uma palavra feminina.

No Capítulo 3, a seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento de nossa pesquisa.

## CAPITULO 3

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como mencionamos anteriormente, para descrever e analisar um fenômeno de variação lingüística, detectado na fala dos habitantes nativos da cidade de Cáceres-MT, optamos por utilizar uma metodologia que se sustenta na perspectiva da Sociolingüística Variacionista Laboviana, desenvolvida pelo pesquisador norte-americano William Labov. Por meio de uma investigação sistemática, priorizamos uma abordagem estritamente sincrônica, utilizando, como suporte para a análise quantitativa dos dados o Programa Estatístico VARBRUL.

Na fala dos nativos da comunidade de Cáceres, pesquisamos a variação na concordância de gênero. Como exemplo, citamos alguns trechos de entrevistas que representam a materialização do fenômeno na fala dos nativos.

(7) “Só que chegou **no Elaine** que era...”  
 “**Esse** Jocineide, nunca minhas crianças...”  
 “**Minha mãe** tinha o pitinho dela, mas se **ele** sentasse aqui cê num  
 “sentia cheiro de pito de **minha mãe**...”  
 “Vou **no casa** de mamãe”. (*grifos nossos*)

Conforme a teoria da Sociolingüística, as dimensões da amostra devem ser suficientes para que se possa observar, com segurança, a variação no tópico analisado, bem como para que possam ser consideradas as influências de fatores relativos à estrutura social da comunidade de fala, como: a idade, o sexo, a escolaridade dos informantes da comunidade de fala. As técnicas utilizadas na constituição da amostra de fala em que se baseia esta

investigação e de outros fatores que constituem os contextos lingüísticos para expressar a mesma informação denominada de variantes lingüísticas.

O conjunto dessas variantes lingüísticas constitui a variável lingüística a ser analisada. Dessa forma, a escolha do uso de determinada variante é condicionada por vários fatores que podem ser lingüísticos e extralingüísticos.

Entretanto, a ação de cada fator para esse condicionamento não é isolada. Dessa forma, cada contexto de ocorrência da variável analisada resulta da combinação específica dos valores igualmente variáveis de cada fator. A interferência de cada fator é medida separadamente, já que nos contextos de fala as ações dos fatores condicionadores são simultâneas.

A análise foi feita a partir da codificação nos valores atribuídos aos fatores lingüísticos e extralingüísticos que foram selecionados. Primeiramente, o programa foi rodado e apresentou a atuação de cada fator condicionador. Dessa apresentação, constam as freqüências de uso associadas a cada um dos valores das variantes e o nível de significância dos resultados obtidos.

O resultado final é constituído pelo percentual de freqüência de cada um dos valores de todas as variáveis selecionadas pelo Programa como estatisticamente relevantes. Esses pesos relativos medem a freqüência, numa escala que vai de zero a 99. O valor acima de 5 pontos indicam uma ação condicionadora e à aplicação de determinada variante, os valores inferiores a 5 indicam uma ação desfavorecedora, sendo que os valores próximos apontam para a neutralidade do fator.

Portanto, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística, realizamos este trabalho a partir da análise do uso da língua na comunidade de Cáceres-MT, focalizando a variação na concordância de gênero e mostrando que nesta



comunidade a fala se realiza com a concordância de gênero, conforme as regras da norma padrão, e com ausência de concordância de gênero.

Dada a especificidade de cada etapa do trabalho investigativo, dividimos os procedimentos metodológicos em alguns tópicos, a saber: o *corpus*, definição e constituição das amostras, a coleta de dados, a entrevista, a transcrição, as variáveis lingüísticas – nível de análise e tipo de presença/ausência; as variáveis extralingüísticas: sexo, idade, escolaridade.

A seguir apresentamos a seção 2.1. intitulada *O corpus*.

### **3.1. O Corpus:**

O *corpus* analisado nesta pesquisa foi constituído com base em amostras de fala obtidas através de entrevistas gravadas na cidade de Cáceres-MT, durante o período de 2001. Essa amostra de fala se compõe de 36 entrevistas realizadas com informantes da comunidade, feitas de acordo com as técnicas da pesquisa sociolingüística (cf. Labov, 1966 e 1972), que foram adaptadas à realidade sociocultural da comunidade.

Na seção 2.3. do Capítulo 2 desta dissertação, apresentamos o método utilizado nas entrevistas e na sessão 2.4. mostramos como foram feitas as transcrições das entrevistas. Esta amostra de fala constitui a base para a análise variacionista do fenômeno da variação da concordância de gênero na fala da comunidade cacerense. Para exemplo, anexamos na parte final desta dissertação apenas uma entrevista para que o leitor tenha uma noção do que está sendo discutido.

### 3.2. Definição e constituição das amostras:

Observando o comportamento lingüístico dos falantes da comunidade cacerense em relação às ocorrências das formas variantes da língua e principalmente das variantes: *presença e ausência de concordância de gênero*, relacionamos essas formas variantes a fatores lingüísticos (*presença /ausência de concordância nos sintagmas nominal e verbal*) e extralingüísticos (sexo, idade e escolaridade), a fim de conhecer a possível influência exercida por esses fatores em estudo na variação de concordância nominal.

Para a definição das dimensões da amostra básica desta investigação, seguimos os seguintes critérios:

- a) que os informantes e seus pais tivessem nascido na cidade de Cáceres;
- b) que pertencessem às faixas etárias de 20 a 30 anos; de 31 a 50 e de mais de 51 anos, com o grau de escolaridade em nível de 1º, 2º e 3º graus.

Optamos por um total de dois informantes para cada célula. Escolhemos moradores do centro da cidade, pois os mesmos têm uma situação social mais privilegiada, acesso fácil à escola, trabalho e uma vida social mais ativa, e dessa forma, utilizam-se das variantes lingüísticas *presença de concordância de gênero* e *ausência de concordância de gênero* em suas falas nos diversos momentos de interação na comunidade. A seguir, apresentamos a Tabela 1 que demonstra como ficaram constituídas as células para as entrevistas na comunidade.

**TABELA 1****TABELA 1 - Células de informantes para entrevistas**

<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>INFORMANTES</b>
Feminino	20 a 30	1° grau	2
Feminino	31 a 50	1° grau	2
Feminino	+ de 51	1° grau	2
Feminino	20 a 30	2° grau	2
Feminino	31 a 50	2° grau	2
Feminino	+ de 51	2° grau	2
Feminino	20 a 30	3° grau	2
Feminino	31 a 50	3° grau	2
Feminino	+ de 51	3° grau	2
Masculino	20 a 30	1° grau	2
Masculino	31 a 50	1° grau	2
Masculino	+ de 51	1° grau	2
Masculino	20 a 30	2° grau	2
Masculino	31 a 50	2° grau	2
Masculino	+ de 51	2° grau	2
Masculino	20 a 30	3° grau	2
Masculino	31 a 50	3° grau	2
Masculino	+ de 51	3° grau	2

### 3.3. Entrevista:

Decidimos utilizar como fonte de dados entrevistas com falantes da comunidade. Estas foram colhidas com base no método de entrevista sugerido por Labov (1972), e Labov, *apud* Tarallo (1997).

Analisando as sugestões feitas por Labov e procurando adequá-las ao contexto da comunidade cacerense, o planejamento para a coleta de dados foi efetuado da seguinte maneira. Primeiramente, ocorreram contatos para definir o dia e o horário mais adequado para a realização das entrevistas. Já no segundo momento, as entrevistas foram gravadas, por meio de diálogos e narrativas. O nível de formalidade das entrevistas é, no geral, bem próximo ao informal, já que o objetivo de gravar a fala regional da comunidade. Os assuntos versaram sobre experiências vividas pelos informantes, que lembraram as brincadeiras da infância, a escola, as festas, as rezas, desfiles, medos, tristezas, enfim, o seu cotidiano.

Antes da gravação da entrevista, utilizamos uma ficha a ser preenchida com alguns dados pessoais importantes que funcionam como, complementares à análise: nome, idade, grau de escolaridade, local de nascimento e profissão.

O total de horas gravadas foi de aproximadamente trinta horas (30h), numa média de cinquenta minutos (50 min) para cada informante. Os dados foram registrados por meio de gravador portátil – na maior parte das vezes na residência do informante, local determinado no primeiro contato.

### 3.4. A Transcrição:

Para garantir a fidelidade dos dados, as entrevistas foram cuidadosamente transcritas, o padrão de transcrição utilizado foi o sugerido por Marcuschi (1986), e Cintra (1992). O levantamento das ocorrências do tópico analisado foi feito diretamente nos textos orais e também após a digitação dos textos escritos da transcrição ortográfica das entrevistas. Nesta transcrição, buscou-se preservar ao máximo as características da fala dos informantes, no nível da morfossintaxe e especificamente o que concerne à concordância nominal de gênero.

A transcrição foi armazenada em computador pessoal, com a utilização do processador de texto Word, versão Windows da Microsoft. A partir da digitalização do texto foram selecionados e codificados apenas os trechos contendo a variação da concordância de gênero. Os códigos foram salvos no Word e transferidos para o Programa Estatístico VARBRUL.

Para garantir uma amostra representativa, levamos em conta os fatores lingüísticos e extralingüísticos que serão apresentados no próximo tópico.

### 3.5. Variáveis Lingüísticas

#### 3.5.1. A variável dependente: *presença vs ausência de concordância*.

A variável dependente a ser analisada é constituída pela atuação ou não do mecanismo de concordância de gênero no sintagma nominal e verbal somente em palavras

femininas. A partir da observação do uso na comunidade, selecionamos as variantes lingüísticas: *presença e ausência de concordância*, essa última subdividida em: *ausência total e parcial*.

Os casos em que todos os constituintes do sintagma nominal estão marcados para feminino, concordando com o núcleo do sintagma foram classificados como *presença de concordância* de gênero, tal como ilustram os exemplos abaixo.

(8) “a vida inteira” (n.20).

(9) “ela era piquinininha” (N.16).

No exemplo (8) acima, o falante aplicou plenamente o mecanismo de concordância de gênero no interior do sintagma nominal. Já no exemplo (9) o nível estrutural em que se dá a concordância é o sintagma verbal. No caso de supressão de concordância de gênero como já mencionado, temos duas possibilidades: *ausência total de concordância de gênero* ou *ausência parcial de concordância de gênero*. Exemplificamos logo abaixo com trechos selecionados das falas dos informantes.

(10) “Aí levantei cedo cum barrigão ... menina sentei, menina ... eu achava que ia ter ela ainda nê, ela num tinha nem camisinha ainda, aí rebentô a bolsa, eu sentada no vaso. Eh! Mais gritei e levantei rápido de onde eu estava **sentado**, ela ia caí dentro do buraco, lá...” (n.14).

(11) “a gente gostava muito, tempo de moça, né, jovem, baile, festa, Santo Antônio, São João, São Pedro, né! **Esses festas** assim aniversário, Mas tinha aniversário que mamãe deixava i, mas tinha alguma coisa, alguma festinha que podia chora bastante... Nas... (risos) não deixava” (n.13)

No exemplo (10) acima, temos um caso de *ausência total de concordância de gênero* no nível do sintagma verbal, o constituinte que funciona como predicativo não recebeu a marcação de gênero para concordar com o sujeito do sintagma.

Conforme o exemplo (11) anteriormente transcrito, temos também um caso de *ausência total*, de concordância, porém no nível do sintagma nominal, pois, o determinante não recebeu a marca de gênero para concordar com o núcleo do sintagma.

Já nos exemplos (12) e (13) abaixo, temos casos de *ausência parcial*, no sintagma nominal e caso no sintagma verbal, respectivamente. A informante (n. 11) tem 32 anos, e a (n.6) tem 30 anos, ambas com nível superior de escolaridade.

(12) “E eu via que nessa época os professores era bastante rígidos! Eu lembro que no meu di,di, di, no meu primeiro ano até o quarto ano, de primeira série até **o quarta série** os professores eram bastante rígidos era aqueles professores que tratavam” (n.11).

(13) “alembro da missa das oito horas (risos) a missa das oito horas era sagrado” (n.10).

O último caso observado nos dados (ilustrados em 14) é o de *ausência interfrasal*. Nesse caso a ausência de concordância se estabeleceu na ligação anafórica, que vai além do limite da oração ou sentença.

(14) “não... as vez num durmia as vez as vez cê ia num vizinha descansava um pouquinho, chegava e o pau cumia de novo (risos), hoje cabo, hoje num pode num pode mai faze uma coisa dessa, mai de jeito nenhum! Quandu ocê assusta é **aquela gurizada** a tar da **gangue** ta fazendo de besta ai na cidade, né! E acabo mermo co quarque brincadeira que a gente tem. **ele** chega e acaba mermô” (n.29).

As distinções consideradas nos grupos de fatores de natureza lingüística podem ser visualizadas, de um modo resumido, na tabela que segue:

**TABELA 2: Nível de Análise:**

<b>Nível de Análise</b>	<b>Variantes</b>	
<b>Sintagma Nominal</b>	<b>Presença de concordância</b>	
	<b>Ausência de Concordância</b>	Total
		Parcial
		Interfrasal
<b>Sintagma Verbal</b>	<b>Presença de concordância</b>	
	<b>Ausência de Concordância</b>	Total
		Parcial
		Interfrasal

Dando continuidade à apresentação dos fatores que podem condicionar a variação em estudo, apresentamos na próxima seção os fatores sociais selecionados. Foram propostos apenas três grupos de fatores: sexo, idade e escolaridade.

### **3.6. Variáveis Extralingüísticas**

#### **3.6.1. Variável sexo**

Selecionamos a variável sexo, por ela exercer uma forte influência na regra variável, como bem demonstram os estudos realizados por Labov. Em 1963, Labov publicou seu famoso trabalho sobre a comunidade da Ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que os fatores sociais foram decisivos na explicação da variação lingüística observada na comunidade. Logo após, em 1966, Labov concluiu sua pesquisa



sobre a estratificação social do inglês em Nova York, e constatou o efeito da variável sexo sobre uma série de variações fonológicas.

Os resultados dessa pesquisa em relação à presença ou ausência de /r/ pós-vocálico mostraram que as mulheres empregam o /r/ mais do que os homens, estando, assim, mais próximas do padrão. Na variação entre fricativas interdentais e africadas ou oclusivas, o efeito da variável sexo mostrou que mulheres empregam com mais frequência as fricativas, forma padrão.

A partir dessas pesquisas, Labov consolidou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades.

Oliveira e Silva & Paiva (1996) fizeram um levantamento das pesquisas de variação lingüística com relação aos fatores sociais. Nesses estudos, as variáveis sociais têm se mostrado como importantes fatores condicionadores em relação à variação.

Wolfram (1969), por exemplo, pesquisou o inglês falado pela comunidade afro-americana de Detroit, investigando a interferência da variável sexo em vários fenômenos. Em relação ao fenômeno de simplificação de grupos consonantais finais, constatou que as mulheres tendem a utilizar mais a forma padrão, diferentemente dos homens, que tendem a utilizar mais a forma não-padrão.

Pesquisando a variação entre a fricativa interdental surda /f/ ou 0 (zero) em oposição medial e final, Wolfram constatou que as mulheres favorecem o uso da fricativa interdental, que é a forma mais prestigiada - padrão. Em relação a outro fenômeno, (presença ou ausência de /r/ pós-vocálico) o autor verificou que esse fenômeno também é condicionado pela variável sexo: mais uma vez, constatou que as mulheres utilizam mais a forma padrão, do que os homens.

Com relação a fenômenos morfossintáticos, Wolfram constatou o efeito da variável sexo com relação aos fenômenos gramaticais como: *o uso da dupla negação, a*

*ausência de cópula e a não flexão do auxiliar be, formas não-padrão em inglês.* Como em análises de outros fenômenos, o autor verificou que as formas padrão foram mais utilizadas pelas mulheres, ao contrário dos homens, que utilizam com maior frequência a forma não-padrão.

Trudgill (1974), por sua vez, realizou um estudo sobre *a correlação de treze variações fonológicas com relação a fatores sociais.* Apresentou apenas resultados referentes à variável sexo para o fenômeno *a variação entre, e [ŋ] para o sufixo -ing do gerúndio.* Os resultados dessa pesquisa não foram diferentes da maioria das pesquisas que dão ênfase a fatores sociais - a maior frequência ocorre entre as mulheres, que preservam a forma padrão.

Ainda segundo Oliveira e Silva & Paiva (1996), nos estudos realizados no Brasil, a variável sexo mostrou-se relevante para a maioria dos fenômenos que listaremos logo abaixo.

Guy (1981) pesquisou vários fenômenos que ocorrem na fala de informantes alfabetizados do Rio de Janeiro. Na pesquisa sobre o /s/ pós-vocálico o autor constatou que as mulheres preservam a forma padrão com maior frequência do que os homens. Com relação à concordância de número no sintagma nominal, as mulheres mostraram-se favorecedoras da norma padrão. As mulheres mostraram-se também conservadoras da norma preservando a nasal mais do que os homens quanto ao fenômeno de desnasalização.

Palma (1984) realizou um estudo intitulado *A variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico,* sobre a variação entre elementos africados e fricativos. Esse estudo mostra que a variação está, pelo menos em parte, condicionada por fatores sociais. A autora verificou, também, que as mulheres utilizam muito mais as formas padrão em sua fala do que os homens.

Como podemos observar na maioria dos trabalhos citados acima, a variável sexo mostrou-se relevante e indicou a tendência das mulheres ao uso da norma padrão, que é a mais prestigiada pela sociedade.

### 3.6.2. Variável idade

De acordo com Oliveira e Silva & Paiva (1996), o estudo do fator condicionador idade aponta para variação lingüística em duas situações possíveis, a relação de estabilidade, entre as variantes lingüísticas e a existência de mudanças na língua.

Nesse sentido, as autoras afirmam que:

A comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar estágios de uma língua. Presume-se que a linguagem é adquirida em sua grande parte até aproximadamente 14 anos (puberdade) e, teoricamente, observando-se a linguagem falada há 36 anos atrás. Assim as diferenças resultantes da comparação de diferentes faixas etárias poderiam indicar mudanças em processo de implementação no sistema (OLIVEIRA E SILVA & PAIVA, 1996, p. 353).

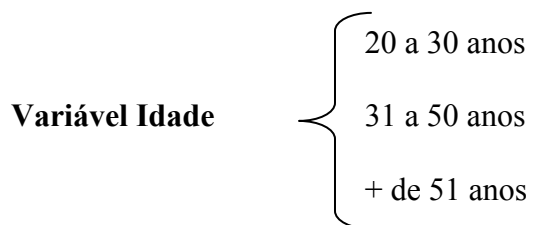
Um exemplo de mudança lingüística foi evidenciado por Labov, em seu trabalho intitulado *The social motivation of a sound change (1963)*. Nesse estudo Labov analisa a mudança na realização fonética do núcleo vocálico dos ditongos /ay/ e /aw/ entre informantes da Ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets, nos Estados Unidos. A forma inovadora predomina entre os falantes mais jovens, enquanto os falantes mais velhos preferem a pronúncia mais centralizada.

Trudgill (1974), num estudo sobre as variações fonológicas no inglês falado em Norwich, Inglaterra, não apresentou resultados referentes à idade para todos os

fenômenos estudados, contudo mencionou que falantes mais jovens, principalmente adolescentes, tendem à centralização da vogal / e/.

Palma (1984) afirma que, no Estado de Mato Grosso, os segmentos africados /tʃ/ e /dʒ/, estão sendo mais utilizados pelas pessoas mais velhas, enquanto os mais jovens preferem utilizar os segmentos fricativos /ʃ/ e /ʒ/, que fazem parte da norma padrão, e são, portanto mais aceitos socialmente.

Com base nas conclusões dos estudos que levaram em conta a possível influência da idade sobre a variação lingüística, incluímos essa variável em nossa análise. Acreditamos que pessoas de todas as idades na comunidade estudada apresentam o fenômeno variável da concordância de gênero em suas falas, mas de forma diferenciada. Subdividimos a variável idade para testar esse comportamento e verificar se o fenômeno se caracteriza como um processo de estabilidade ou mudança na língua. Dividimos a variável da seguinte maneira:



### 3.6.3. Variável Escolaridade

Análises da influência da escolaridade sobre a variação lingüística têm revelado que níveis altos de escolaridade tendem a levar o falante a seguir a norma padrão. Como exemplo da atuação dessa variável, o trabalho realizado por Labov sobre o inglês de Nova Iorque, publicado em 1966, constatou a variação entre fricativas, africadas e oclusivas, que além de sofrer influências de outros fatores sociais o fator escolaridade demonstrou que

falantes, com maior grau de escolarização empregam com maior frequência as fricativas, enquanto os menos escolarizados privilegiam africadas oclusivas – formas não padrão.

Scherre (1978) pesquisou o uso da regra de concordância de número no sintagma nominal na fala de pessoas semi-escolarizadas e escolarizadas da cidade do Rio de Janeiro. A atuação da variável escolaridade influenciou no uso da forma padrão. Quanto maior o grau de escolaridade maior a concordância de número.

Macedo (1981) pesquisou a variação de uso do futuro do subjuntivo com alternância entre radicais regularizados e radicais não regularizados. Constatou a partir desse estudo, que informantes com o maior grau de escolaridade foram os que utilizaram com maior frequência a forma padrão.

Em nossa pesquisa, achamos importante selecionar essa variável, pois a escola garante o aprendizado e a utilização da língua padrão na sociedade. Esse grupo foi constituído de três níveis de ensino, a saber:

**Variável Escolaridade** {  
1° Grau  
2° Grau  
3° Grau

## CAPÍTULO 4

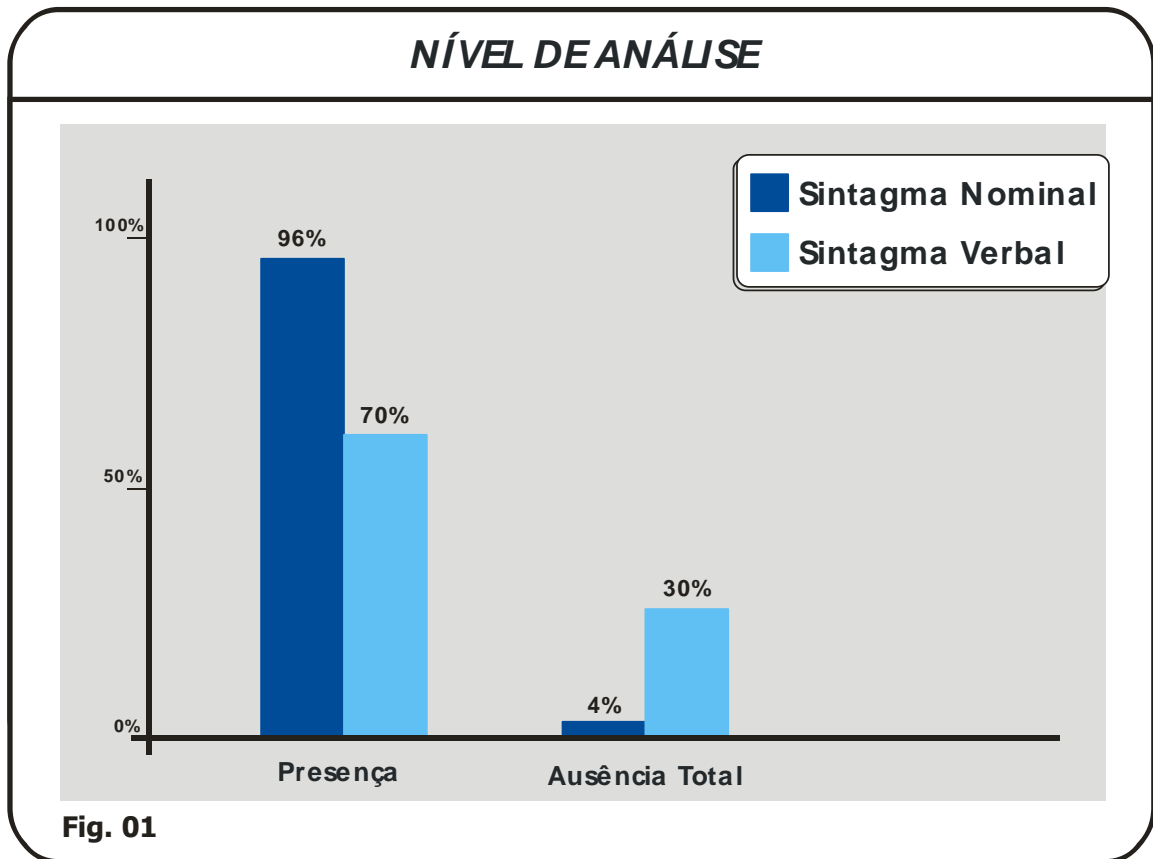
### 4. ANALISANDO A VARIAÇÃO

Neste capítulo, enfocamos a análise dos dados com base na teoria da Sociolinguística Variacionista. Analisamos a frequência em que ocorre a variação na concordância de gênero na fala de dois informantes de ambos os sexos, considerando-se a faixa etária e o grau de escolaridade (primeiro, segundo e terceiro graus) por célula. Optamos por utilizar ordem numérica para representar cada informante.

Apresentamos através de gráficos os resultados das análises estatísticas da variação de concordância de gênero no sintagma nominal e verbal rodadas por meio do Programa VARBRUL. No conjunto da amostra analisada, foram depreendidas 1.059 ocorrências de sintagmas nominais femininos, e 115 casos em que a relação de concordância se estabelece no nível do sintagma verbal em palavras femininas.

O Gráfico 1, que segue, apresenta os resultados das frequências que constituem um quadro geral da variação na aplicação da regra de concordância de gênero no sintagma nominal e verbal em palavras femininas como um todo.

**GRÁFICO 1 -** Frequência de ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação ao nível de análise (*sintagma nominal e sintagma verbal*).



O que se observa acima é um contraste acentuado quanto à aplicação da concordância segundo o nível analisado, seja o Sintagma Nominal ou o Sintagma Verbal. No primeiro caso, 96% dos dados apresentaram *presença de concordância de gênero*, o que corresponde a 1.018 ocorrências, como em (1). Os 4% restantes se distribuem entre *ausência total de concordância* (29 ocorrências) tal como em (2), e *ausência parcial de concordância* (12 ocorrências) como em (3).

(1) “Na casa de minha avó”.

(2) “Última festa que passei no dona Feliciano Motta roubaram o São Sebastião”.

- (3) “Já, não teve mai nada disso antigamente nós brincávamos hoje não brincam mais nós brincávamos até moça! Sabe? A turma nosso era grande...”.  
(N16F3C)<sup>3</sup>

Com relação ao sintagma verbal, o predomínio também foi de *presença de concordância*, embora menos acentuada que no caso do SN. Das 115 ocorrências no nível do sintagma verbal em casos femininos, 81 (70%) apresentaram concordância plena de gênero, como em (4), e 41 ocorrências (4%) se caracterizaram pela *ausência total de concordância*, tal como em (5).

- (4) “Minha mãe era cozinheira”  
(5) “Não era difícil a bola também era feito de meia (risos) era feito de meia a bola, você enfiava bastante... O que desse, né! De enfiar lá dentro assim roupa velha, alguma coisa, a gente enfiava e fazia a bola”

Desse modo, é possível uma primeira caracterização dos contextos em que ocorre a variação na concordância de gênero. O emprego da concordância, segundo a norma padrão, está, principalmente, circunscrito ao nível do SN, em que encontramos um alto índice de presença de concordância. Observa-se, por outro lado, que o cacerense utiliza a regra de concordância no SV com uma frequência bem menor que no SN; dessa forma, a regra não-padrão – *ausência de concordância*, na relação entre o predicativo e o sujeito da oração é muito mais utilizada, atingindo 30 % de aplicação da regra.

---

<sup>3</sup> Os números e letras correspondem ao código que foi utilizado para facilitar a identificação do informante. A primeira letra N significa o número do informante, nesse caso é o número 16, a letra F equivale ao sexo feminino, o número 3 equivale ao 3º grau de escolaridade e a letra C corresponde a faixa etária que nesse caso corresponde a mais de 51 anos.

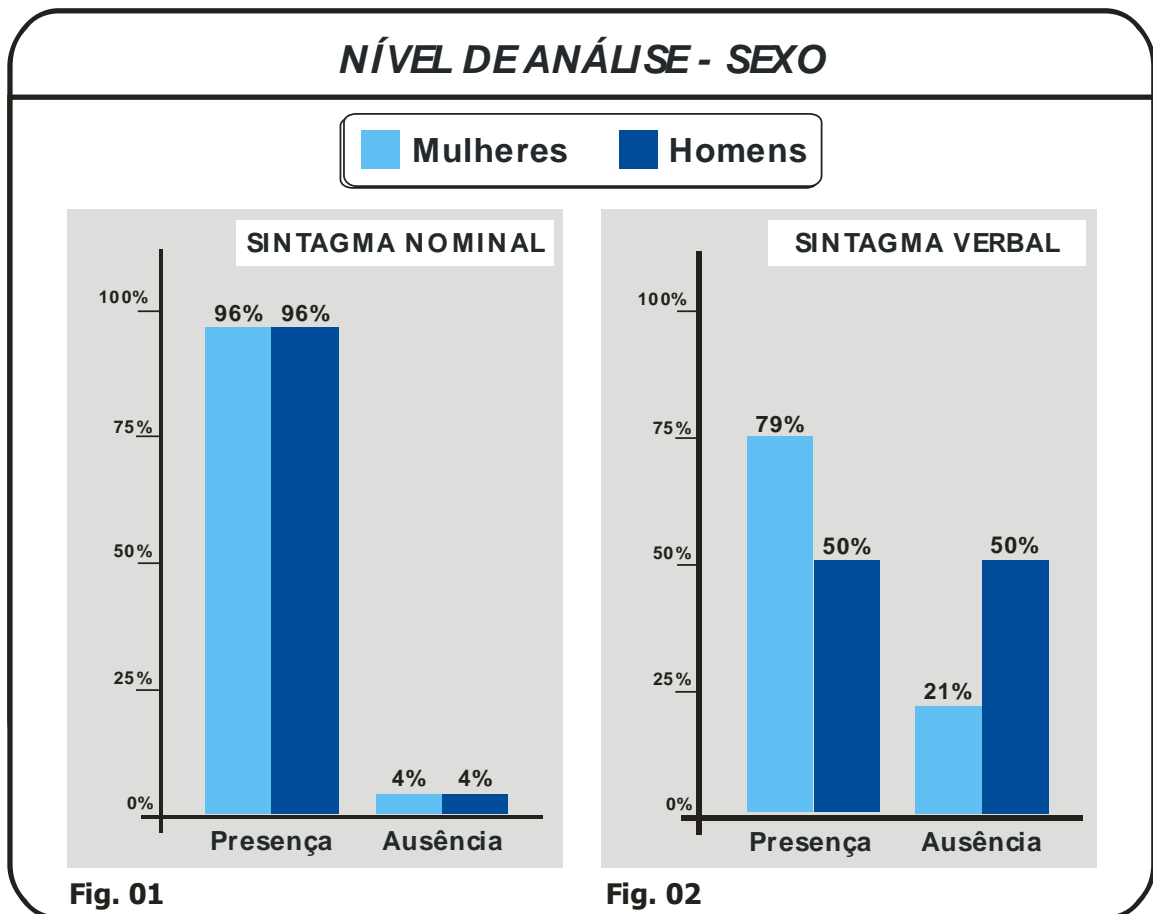


Ressalte-se que, a variante *ausência parcial de concordância* não apresentou uma diferença significativa em relação aos casos de *ausência total de concordância*, razão pela qual as ocorrências dessas duas variantes foram amalgamadas na discussão dos demais grupos de fatores.

O resultado geral do gráfico 1 poderá ser melhor compreendido no decorrer das análises, quando forem incorporados os fatores extralingüísticos, tais como sexo, idade e escolaridade. Esses fatores serão examinados separadamente e, em seguida, considerados os cruzamentos das variáveis lingüísticas e extralingüísticas. Entretanto, já é possível visualizar um contraste nos resultados da variação dos fatores lingüísticos (SN) e (SV).

#### 4.1. A VARIACÃO DE CONCORDÂNCIA SEGUNDO O SEXO DO INFORMANTE

GRÁFICO 2 : Frequência de ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação à variável sexo.



O gráfico acima apresenta a variação de concordância segundo o sexo do informante. No nível do SN, a análise mostra que a *presença de concordância* no sintagma nominal atingiu o mesmo percentual, sendo 96 % em ambos os sexos (correspondendo a 587 casos na fala das mulheres e 431 na fala dos homens). Quanto à variante *ausência de concordância*, a porcentagem também foi idêntica, apenas 4% de aplicação da regra na fala de ambos os sexos (25 ocorrências na fala das mulheres e 16 na fala dos homens). Constatase, assim, que não há diferenças significativas entre homens e mulheres quanto à variação de

concordância de gênero no nível do SN. Os índices apresentados na variante *presença de concordância* podem refletir uma aparente tendência à homogeneidade dos padrões de comportamento lingüístico da comunidade cacerense, nesse contexto.

Por outro lado, observa-se uma diferenciação nos índices de concordância no nível do SV, apresentados na fala de ambos os sexos (79% que equivale a 64 ocorrências na fala de mulheres e 50% que equivale a 17 ocorrências na fala dos homens). O emprego da variante não-padrão atingiu o mesmo resultado: 17 ocorrências na fala das mulheres que equivalem a 21 %, e 17 ocorrências 50% na fala dos homens, o que expressa um alto índice de *ausência de concordância* na fala dos informantes do sexo masculino.

Apesar de apresentarem o mesmo número de ocorrências na variante *ausência de concordância* no SV, o índice na fala dos homens é mais alto. Ou seja, eles é que mantêm viva a variante não-padrão. O que se percebe nesse contraste é que os homens usam mais a variante não-padrão que as mulheres. Na verdade, as mulheres estariam mais afetadas pela pressão normativa que os homens, dessa forma elas estariam mais orientadas na direção do modelo de prestígio. Esses resultados indicam a mesma direção dos resultados de Palma (1984) que realizou uma pesquisa na cidade de Cuiabá-MT sobre a variação fonológica entre os segmentos africados e fricativos:

Em se referindo à influência do grupo *sexo*, pudemos verificar que o sexo masculino apresenta menor contribuição à ocorrência de forma com segmentos fricativos, ou seja, com segmentos de prestígio. Isto nos leva a concluir que os “homens” são mais conservadores que as “mulheres”. São, poderíamos dizer, menos preocupados com o cumprimento das normas sociais. (PALMAS, 1984, p. 86).

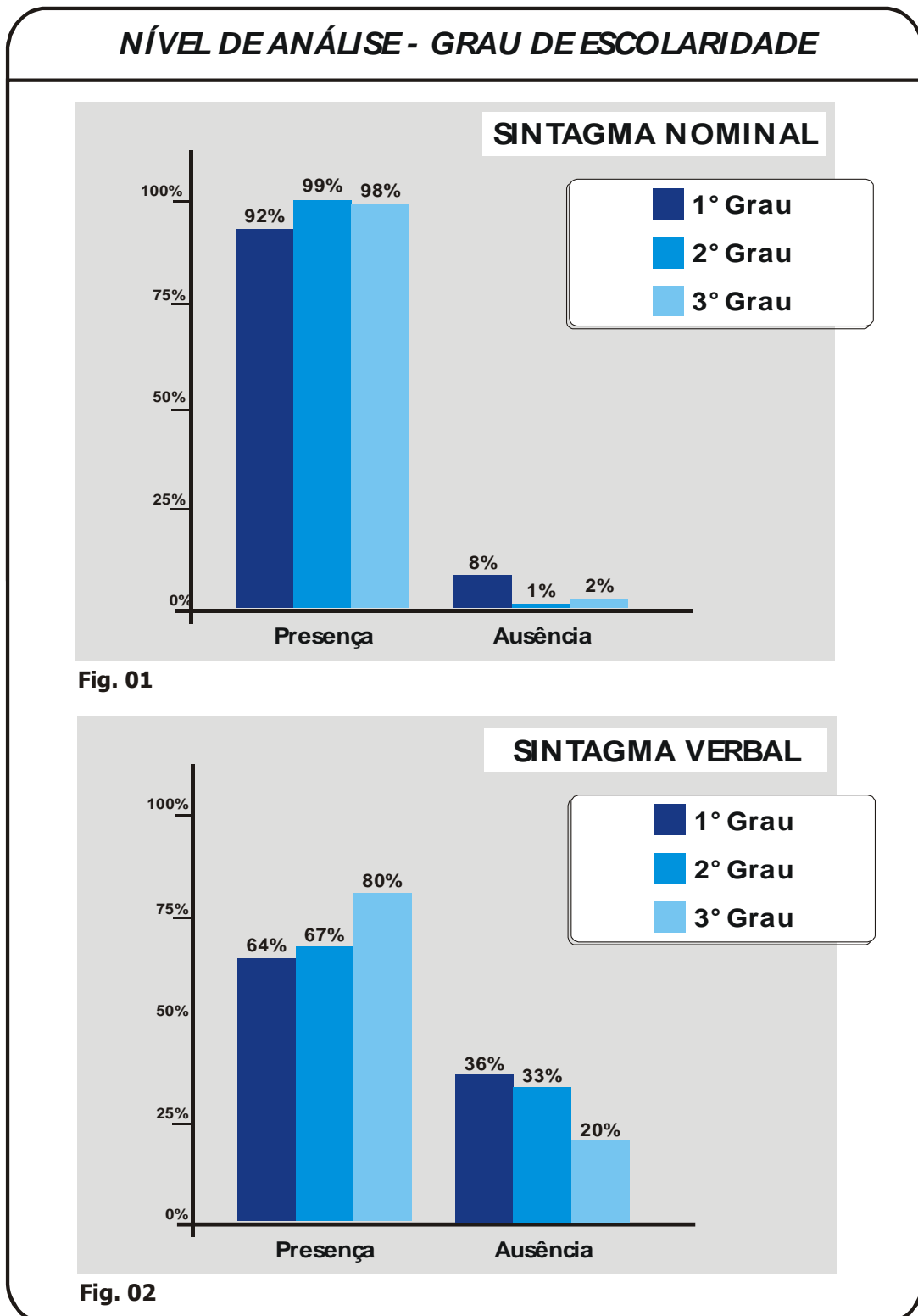
Estabelecendo uma relação nos índices apresentados nas figuras 1 e 2, verificamos que apesar de existir o predomínio da *presença de concordância* na fala das mulheres, o índice de *ausência de concordância* no SV superou o índice de *ausência de concordância* no SN. Isso demonstra que a variante *ausência de concordância* ainda se

mantém na fala das mulheres, apesar da influência de vários outros fatores que forçam o condicionamento da variante padrão na fala da comunidade.

Portanto, o que se observa no gráfico 2 pode ser um reflexo da facilitação ao acesso da comunidade através da integração da comunidade com outros municípios e Estados brasileiros, além de outros fatores, como: os meios de comunicação em massa, a escola, o sexo, a idade. Dessa forma, o modo de vida alcança novos rumos e novos comportamentos numa sociedade capitalista, em que a variedade padrão passa a ser mais valorizada. Assim sendo, as demais variáveis serão analisadas a partir dessa visão de que a aparente mudança advém da influência dos fatores sociais.

#### 4.2. A VARIAÇÃO SEGUNDO O GRAU DE *ESCOLARIDADE* DO INFORMANTE.

GRÁFICO 3: Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência concordância*) em relação à Variável Escolaridade.



Os resultados das análises da atuação da escolaridade sobre a variação da concordância de gênero no sintagma nominal na variante *presença de concordância* totalizaram 1.018 ocorrências sendo, 355 ocorrências (92% na fala do 1º grau), 288 ocorrências (99% na fala do 2º grau) e 375 ocorrências (98% na fala do 3º grau). Com relação aos resultados da variante *ausência de concordância*, o total foi de 41 ocorrências, sendo que 30 ocorrências (8% na fala do 1º grau), 3 ocorrências (1% na fala do 2º grau) e 8 ocorrências (2% na fala do 3º grau). Esses resultados confirmam, embora não de forma acentuada, a associação entre maior escolaridade e maior uso das formas-padrão.

Observa-se que há uma diferença de 7% e 6% entre os dados colhidos de falantes com o 1º grau (ensino fundamental) e aqueles colhidos de falantes que possuem o 2º e o 3º graus, respectivamente. Apesar de pequena, essa diferença já é estatisticamente relevante. Ou seja, falantes mais expostos à influência da norma culta, por meio da escola, tendem a utilizar com mais frequência a variante padrão – *presença de concordância*. O inverso também é verdadeiro: os falantes que apenas completaram o ensino fundamental são aqueles que menos aplicam a concordância no âmbito do SN em palavras femininas. Essas diferenças serão aprofundadas quando cruzarmos a variável escolaridade com as demais variáveis extralingüísticas.

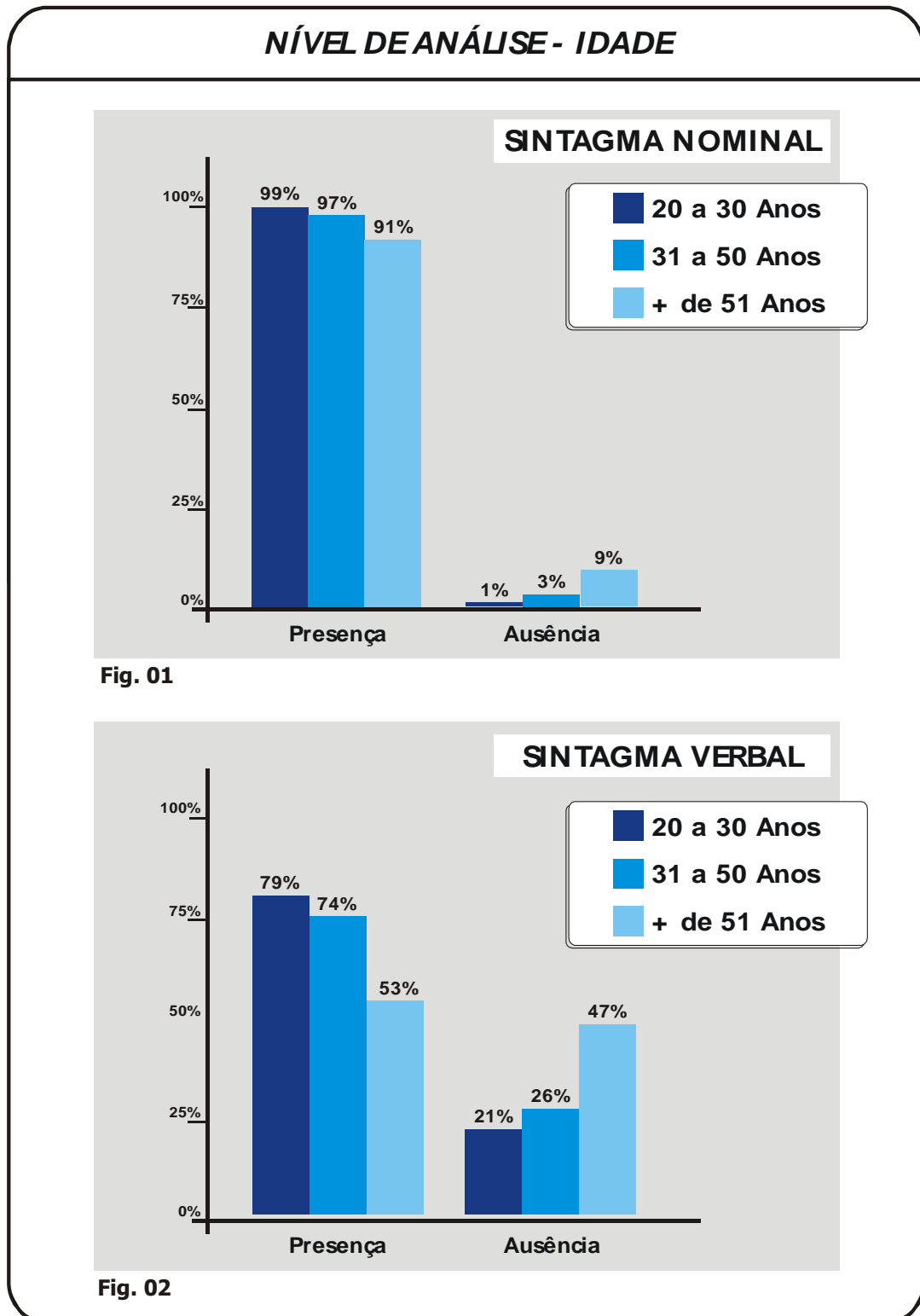
A segunda figura do gráfico 3, por sua vez, apresenta os resultados da atuação da variável *escolaridade* sobre a variação de concordância no nível do sintagma verbal. Da mesma forma do que constatamos para as ocorrências no SN, as diferenças percentuais não são acentuadas entre os três graus de escolaridade. Nos três casos, predomina a *presença de concordância* com índices significativos 64 % (32 ocorrências) no 1º grau, 67% (16 ocorrências) no 2º grau e 80 % (33 ocorrências) no 3º grau. Se, no entanto, compararmos apenas os extremos – 1º e 3º graus, observamos uma diferença percentual que deve ser levada em conta: 16%. Quanto à variante *ausência de concordância* chegamos ao

total de 34 ocorrências, sendo 18 (36%) no 1º grau, 8 ocorrências (33%) no 2º grau e 8 ocorrências (20%) no 3º grau. É preciso assinalar, porém, que esse resultado vai no sentido esperado àquele observado no caso do SN; ou seja, o que se verifica é que os falantes com grau de escolaridade mais alto aplicam mais a concordância que aqueles que possuem apenas o 1º grau. Esses resultados serão aprofundados quando cruzarmos a variável escolaridade com as variáveis *idade e sexo*.

É interessante observar que, se no contexto de SN, a diferença mais significativa está na passagem do 1º para o 2º grau, no contexto de SV é entre o 2º e o 3º grau que se dá um aumento expressivo no emprego da concordância. Pode-se hipotetizar que a não-concordância no contexto de SN é uma forma mais saliente e estigmatizada. Por isso, percebe-se uma preocupação maior em eliminá-la, que fica visível no contraste entre os índices de 1º e 2º graus. Já a não-concordância no contexto de SV seria uma variante menos saliente e que só mais tarde sentiria o efeito da escolaridade.

### 4.3. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA SEGUNDO A *IDADE* DO INFORMANTE

**GRÁFICO 4:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação à Variável Idade.





No nível do SN, os resultados demonstram, de forma consistente, que os membros da comunidade cacerense utilizam predominantemente a variante *presença de concordância* na fala, que totalizou 376 ocorrências (99%) na fala dos informantes de 20 a 30 anos, 386 ocorrências (97%) na fala dos informantes de 31 a 50 anos e 256 ocorrências (91%) na fala dos informantes com + de 51 anos. Notamos, porém, uma leve diferenciação entre as duas primeiras faixas etárias e a terceira: nas duas primeiras, o índice manteve-se estável, muito próximo de um uso categórico; na terceira faixa-etária, o índice de 91 % de *presença de concordância* mostra, no entanto, que há uma leve tendência entre os mais velhos a aplicar menos a concordância.

Esse último resultado é significativo, pois demonstra que os informantes com + de 51 anos mantêm, com um grau maior de resistência, a variante *ausência de concordância de gênero*, que atingiu 9% de aplicação da regra (25 ocorrências). Já a faixa etária de 20 a 30 anos atingiu apenas 1% de aplicação da regra (5 ocorrências), e os informantes de 31 a 50 anos atingiram 3% de aplicação da regra (11 ocorrências) da variante não-padrão. Os resultados indicam que os mais velhos estão mantendo a variante que, segundo relatos de habitantes antigos da comunidade, é característica do falar local, apesar da atuação de diversos fatores (os meios de comunicação em massa, a escola, o sexo, a idade, etc.) que levam o informante a procurar uniformizar a sua fala, através do uso da variante-padrão.

Essa associação entre a faixa etária dos mais velhos e a forma não-padrão fica muito mais evidente quando analisamos os dados de variação no nível do sintagma verbal. Observamos um contraste bem marcado entre as duas faixas mais jovens e a terceira faixa, dos mais velhos. Enquanto os primeiros se mantêm relativamente próximos aos índices gerais (ver gráfico 1), os falantes mais velhos se distanciam significativamente daqueles resultados, revelando uma fala marcada fortemente pela variante *ausência de concordância*.

Esses resultados indicam, aparentemente, que está ocorrendo um processo de mudança lingüística, na medida em que a variante não-padrão resiste principalmente na fala dos mais idosos. Essa tendência pode estar sendo condicionada por vários fatores, dentre os quais podemos citar: o fluxo de movimentos migratórios, a expansão dos meios de comunicação de massa, a abertura da rodovia federal BR 070, a implantação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Os fatores sócio-econômicos e culturais acima citados criaram as condições para que tivesse início um nivelamento lingüístico, que tende a neutralizar a marca característica da região, em função do padrão de realização da regra de concordância de gênero.

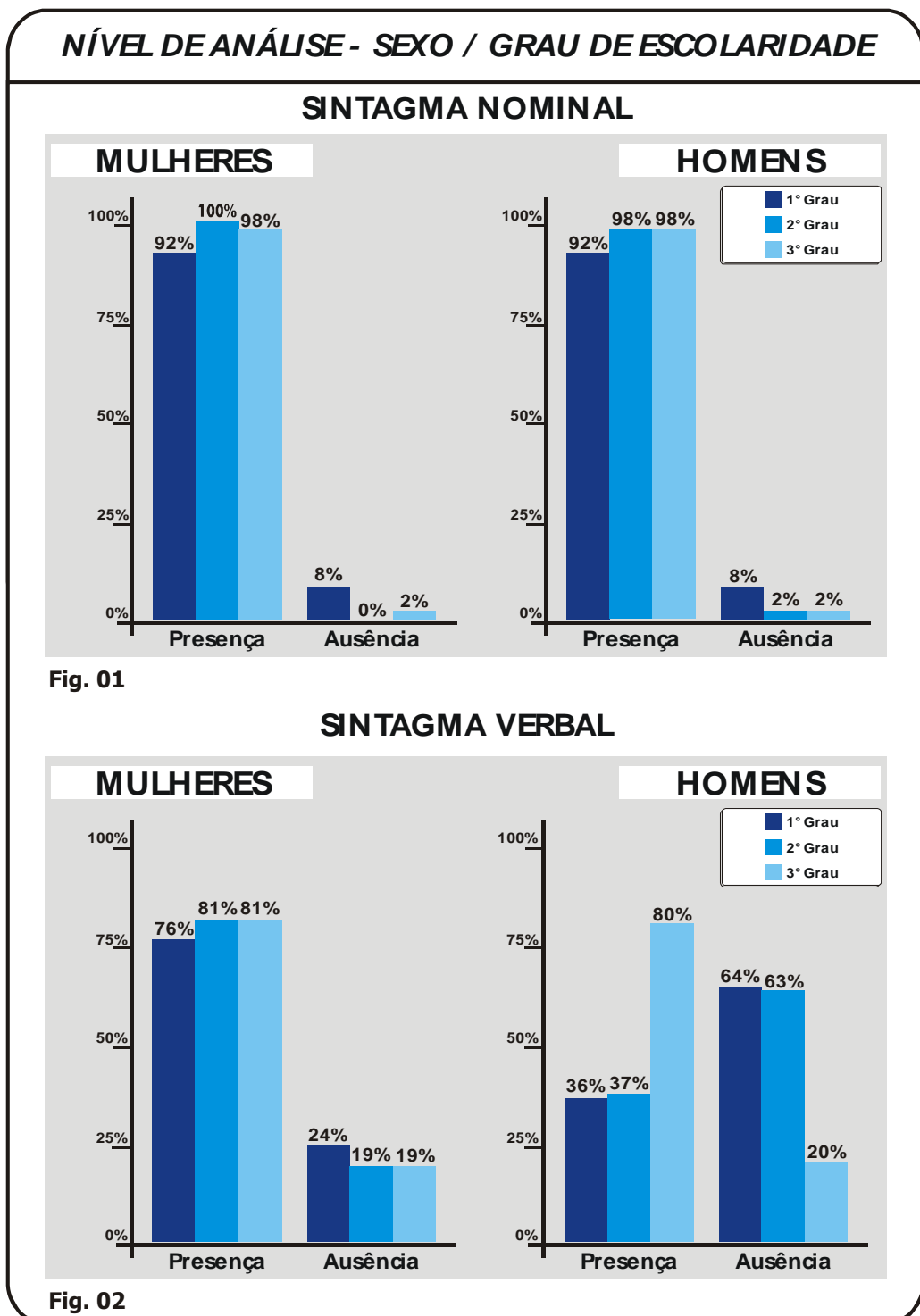
Se essa tendência parece inegável, os resultados da análise também nos mostram que mesmo entre os falantes que se aproximam mais da variante padrão, há diferenças a serem consideradas. O índice de 79% (38 ocorrências) de *presença de concordância* no SV para os falantes de 20-30 anos e 74% (26 ocorrências) na fala de 31-50 anos em contraposição ao índice de 53 % (17 ocorrências) na fala dos informantes com + de 51 anos indicam a substituição da variante regional. Contudo, o resultado da variante *ausência de concordância* no SV atingiu 21% (10 ocorrências) na fala da 1ª faixa etária, 26% (9 ocorrências) na fala da 2ª faixa etária e 47% (15 ocorrências) na fala da terceira faixa etária. Esses resultados sugerem aparentemente um processo de mudança.

Acreditamos, porém, que esse resultado poderá ser explicado pelo fato de que os falantes mais jovens estão mais expostos ao mercado profissional e, portanto, sofrem maior pressão normativa. É preciso considerar que uma grande parcela do mercado de trabalho dessa comunidade é mantida por migrantes das diversas regiões do país. Essas pessoas estranham não só o modo de falar da região como os costumes e as tradições, estigmatizam a comunidade e acabam por policiar sua fala e forçar a aparente mudança

lingüística. Portanto, os nativos mais jovens tendem a perder os traços característicos da região igualando-se a outras comunidades.

#### 4.4. A VARIAÇÃO SEGUNDO O CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO E ESCOLARIDADE DO INFORMANTE.

**GRÁFICO 5:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação as Variáveis Sexo e Escolaridade.



A partir do gráfico 5, apresentamos os cruzamentos das variáveis lingüísticas e extralingüísticas para observarmos o comportamento dessas variáveis com relação à frequência de uso da variante *presença vs. ausência* de concordância de gênero.

Na primeira figura do gráfico temos os resultados do SN segundo o sexo e o grau de escolaridade. Tanto os homens quanto as mulheres com o 1º grau de escolaridade aplicam em 92 % da regra de concordância, diferenciando apenas no número de ocorrências (234 ocorrências na fala das mulheres e 121 ocorrências na fala dos homens). Dessa forma, ambos os sexos empregam em apenas 8 % (20 ocorrências na fala das mulheres e apenas 10 na fala dos homens) a variante não-padrão (*ausência de concordância*).

Com relação aos resultados do 2º grau, no SN as mulheres atingiram 100% (134 ocorrências) de aplicação da regra de concordância, em contraposição aos homens que atingiram 98% (154 ocorrências). Desse modo, os resultados da variante *ausência de concordância* atingiram somente 2% (3 ocorrências) na fala dos homens. Já os resultados do 3º grau, atingiram o índice de 98% para ambos os sexos, diferenciando apenas o número de ocorrências (219 ocorrências na fala das mulheres e 156 na fala dos homens). Por isso, a variante *ausência de concordância* atingiu apenas 2% (5 ocorrências na fala das mulheres e 3 na fala dos homens).

Os resultados da figura 1 mostram que a aplicação da regra de concordância no SN é quase total. Desse modo, a atuação da variante *ausência de concordância* teve um índice baixo, e percebemos que o fator principal dessa diferença na atuação das variantes é o grau de escolaridade. Com esse resultado, reafirmamos o argumento que quanto maior o grau de escolaridade, menor a frequência da variante *ausência de concordância*.

Na figura 2, temos resultados diferentes para as variáveis *sexo e escolaridade* no SV. Esses resultados mostram que as mulheres da comunidade cacerense

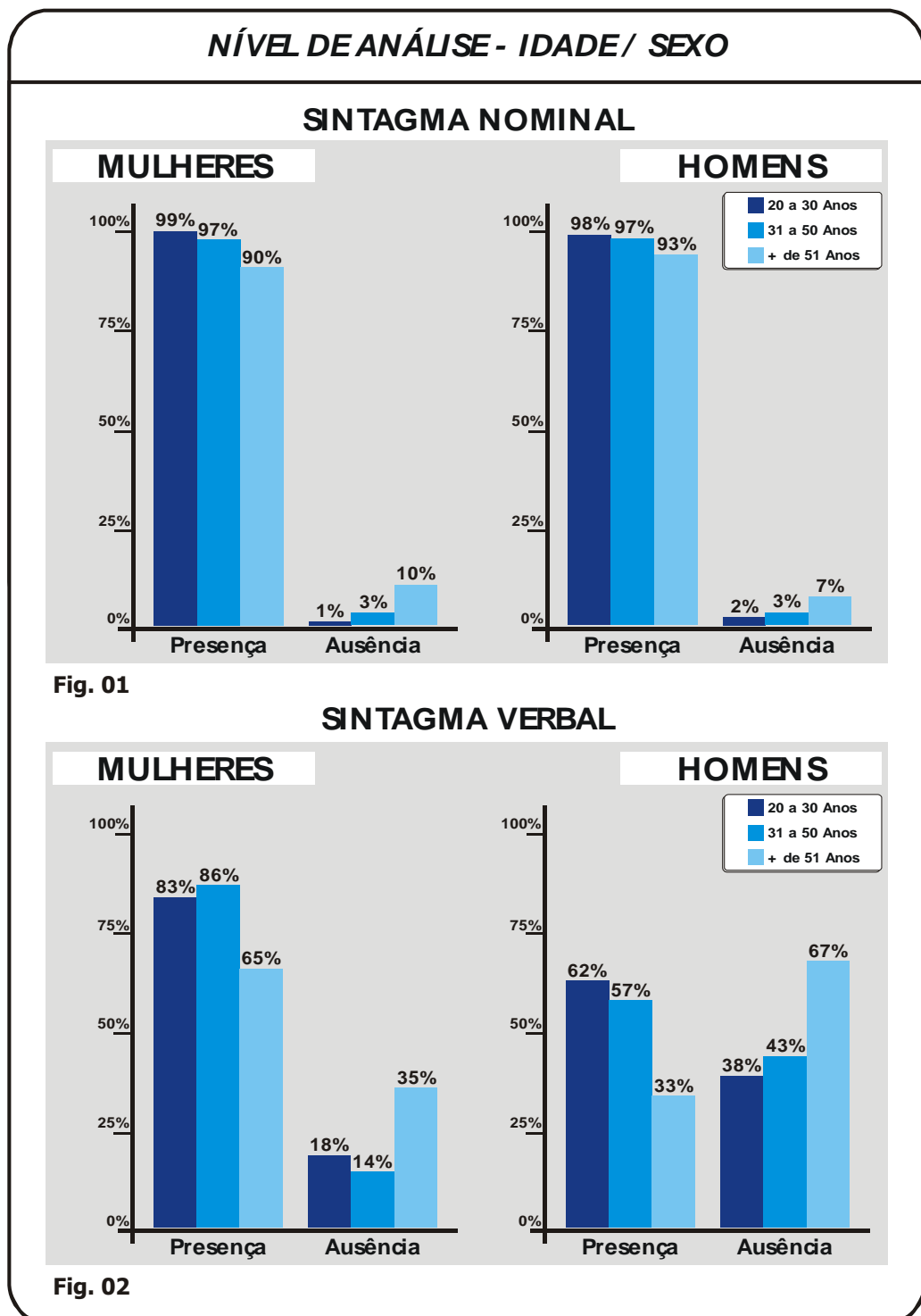
estão usando alto índice da variante-padrão, e esse índice aumenta conforme o grau de escolaridade. No 1º grau na fala das mulheres a *presença de concordância* atingiu 76% (26 ocorrências) em oposição ao índice de 36% (6 ocorrências) na fala dos homens.

Com relação aos resultados do 2º grau, o índice de atuação da variante *presença de concordância* atingiu 81% (13 ocorrências) na fala das mulheres e apenas 37% (3 ocorrências) na fala dos homens. Um índice alto e quase semelhante foi registrado na fala de ambos os sexos no 3º grau, 81% (25 ocorrências) na fala das mulheres e 80% (8 ocorrências) na fala dos homens. Esses resultados indicam uma diferença no uso das variantes com relação ao sexo e o grau de escolaridade. Mulheres são mais propensas a usar a variante-padrão que é a variante de prestígio na comunidade. E esse uso aumenta na medida em que aumenta o grau de escolaridade.

Portanto, observamos que os homens da comunidade cacerense utilizam bem mais a variante *ausência de concordância* na fala do que as mulheres. E essa variante está circunscrita principalmente na fala dos informantes do 1º e 2º graus.

#### 4.5. A VARIACÃO SEGUNDO O CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS IDADE E SEXO DO INFORMANTE.

**GRÁFICO 6:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs ausência de concordância*) em relação às Variáveis Idade e Sexo.



Os resultados de frequência da variante *presença de concordância* da figura 1 apontam aparentemente para o alto uso da variante padrão na fala de ambos os sexos, diferenciando-se apenas no número de ocorrências. Na faixa etária de 20 a 30 anos na fala das mulheres atingiu o índice de 99% (245 ocorrências) e na fala dos homens o índice foi de 98% (131 ocorrências). Na fala de ambos os sexos na faixa etária de 31 a 50 anos atingiu o índice de 97%, diferenciando apenas no número de ocorrências (189 na fala das mulheres e 197 na fala dos homens). Já os resultados dessa variante na fala dos informantes de + de 51 anos na fala das mulheres o índice atingiu 90% (153 ocorrências) e na fala dos homens 93% (103 ocorrências).

Com relação, aos resultados da variante *ausência de concordância* da figura 1, temos para destacar que a única atuação representativa foi na faixa etária dos informantes com + de 51 anos, em ambos os sexos. Na fala das mulheres o índice foi de 10% (17 ocorrências) e na fala dos homens (8 ocorrências). Nas demais faixas etárias o índice ficou definido em torno de 1% a 3% de atuação da regra. Esse resultado é insignificante para a teoria da Sociolingüística.

Portanto, no nível do SN, a variável idade tem mais peso que a variável sexo, se compararmos os resultados gerais para sexo e idade, separadamente, vemos que homens e mulheres apresentam exatamente os mesmos índices de presença e ausência no SN. Já na variante idade aparece uma diferenciação, embora pequena, segundo a idade, refletindo o resultado dessa variável, ou seja, os falantes mais velhos usam relativamente com maior frequência a variante não-padrão, sejam eles homens ou mulheres. Diante desses fatos, podemos considerar a atuação da variável idade como o condicionador principal no uso da variável padrão na fala da comunidade cacerense.



Com relação aos resultados da figura 2, os índices indicam a importante atuação da variante *presença de concordância* na fala da comunidade tanto em relação à fala das mulheres como na fala dos homens. Na primeira faixa etária, de 20 a 30 anos, a atuação da variante *presença de concordância* o índice de 83% (33 ocorrências) na fala das mulheres e 62% (5 ocorrências na fala dos homens). Já na segunda faixa etária, de 31 a 50 anos, no uso da variante *presença de concordância* o índice de 86% (18 ocorrências) na fala das mulheres e 57% (8 ocorrências na fala dos homens). A diferença está na atuação na faixa etária de + de 51 anos que atingiu 65% (13 ocorrências na fala das mulheres) e 33% (4 ocorrências na fala dos homens).

Dessa forma, os resultados da variante *ausência de concordância* do gráfico 2 indicam um alto índice de uso dessa variante, principalmente na fala dos informantes com + de 51 anos. Na primeira faixa etária o índice foi de apenas 18% (7 ocorrências na fala das mulheres) e 38% (3 ocorrências na fala dos homens). Já na segunda faixa etária o índice de 14% (3 ocorrências na fala das mulheres) e 43% (6 ocorrências na fala dos homens). A diferença está circunscrita na terceira faixa etária na fala das mulheres que atingiu 35% (7 ocorrências) e 67% (8 ocorrências na fala dos homens).

Portanto, os resultados no nível do SV demonstram que as duas variáveis se mostram relevantes: mantém-se a diferença entre homens e mulheres – eles apresentam índices maiores de não-concordância, independentemente da idade. Mas a variável idade atua fortemente tanto sobre a fala feminina quanto masculina: Há uma tendência clara a se ter índices maiores da variante não-padrão quanto mais velho for o informante.

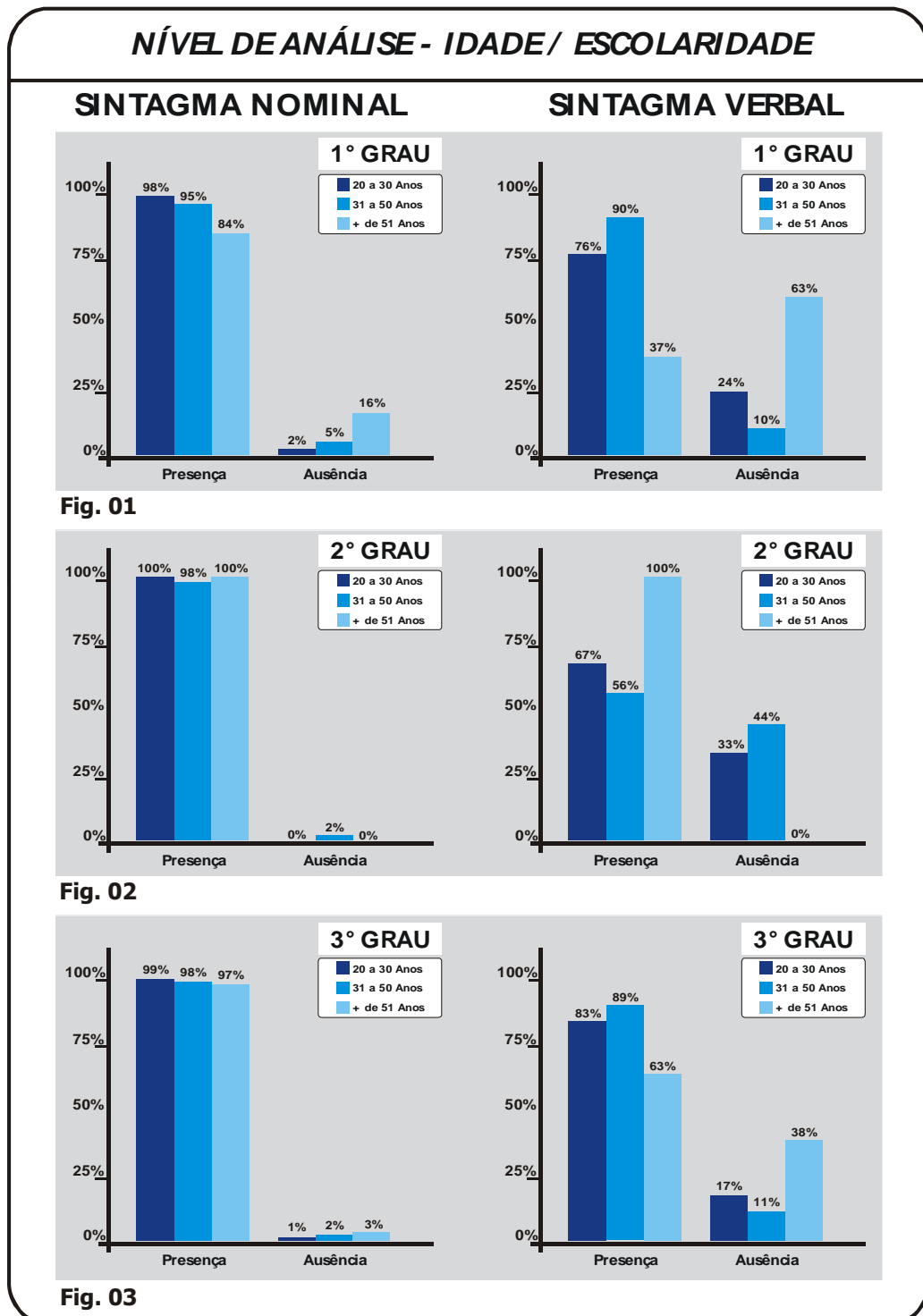
É importante ressaltar que mesmo havendo essa diferença entre as faixas etárias atuando entre homens e mulheres, os dois sexos se diferenciam porque com os homens observamos uma gradação crescente de uso da variante não-padrão: os falantes mais jovens

usam menos essa variante que o grupo intermediário e esses menos que o grupo mais velho (embora haja um degrau mais acentuado de diferença 24%).

Já com as mulheres, a diferença entre os dois primeiros grupos não é significativa do ponto de vista estatístico (4%). A grande diferença (em torno de 20%) se estabelece entre esses dois grupos e o terceiro (dos mais velhos).

**4.6. A VARIAÇÃO SEGUNDO O CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS IDADE E ESCOLARIDADE DO INFORMANTE.**

**GRÁFICO 7:** Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação às Variáveis Idade e escolaridade.



Para interpretar *os* índices deste gráfico temos que refletir sobre as formas padrão e não padrão. A primeira é considerada pela sociedade a forma de prestígio e a segunda é desprestigiada e tende a despertar um sentimento negativo na comunidade, sendo geralmente, motivo de crítica por parte dos usuários da variante padrão.

Na mesma direção, os gramáticos e os autores de livros didáticos tratam a norma não-padrão como vício de linguagem e a desprezam como algo que deve ser anulado da fala. Dessa forma, a maioria das pessoas estigmatiza a variante regional e trabalha no sentido de suprimi-la da fala.

Os resultados do cruzamento entre as variáveis *idade e escolaridade* indicam uma atuação significativa da escola no sentido de uniformizar a fala conforme as regras da língua padrão. Mas essa ação não se dá de um modo uniforme no nível do SN e SV.

Quando comparamos os índices gerais de variação de concordância de gênero no âmbito do SN e os resultados obtidos no cruzamento ‘idade/escolaridade’, percebemos que a distribuição das variantes não se distancia muito dos resultados gerais (96% de *presença de concordância* e 4% de *ausência de concordância*, cf. gráfico 1). Apenas entre os informantes com escolaridade de 1º grau vamos encontrar diferenças na fala do grupo etário mais velho. Esses informantes são responsáveis pelo percentual mais alto de uso da variante não-padrão (16%), o que mostra uma interferência entre a escolarização e a ‘idade’. Aparentemente, os falantes mais velhos, com escolaridade mais baixa, são mais resistentes à atuação da escola no sentido de impor as formas de prestígio e estimular o abandono das formas estigmatizadas.

Já entre os informantes de 2º e 3º graus, os índices apresentados na atuação da variante *presença de concordância* no SN demonstram que essa variante está implementada na sua fala. Desse modo, fica claro que a diferença observada entre 1º grau de

um lado e 2° e 3° graus, de outro, tal como descrita no gráfico 3, se deve aos dados dos falantes de mais de 50 anos, que conservam mais presente em sua fala a variante não-padrão.

No que se refere à variação no nível do SV, observamos diferenças marcantes entre as faixas etárias e entre os graus de escolaridade. Entre os informantes com o 1° grau, os resultados mostram índice de aplicação de regra de concordância que vão de 37% a 90%. Chama a atenção o percentual de uso da variante não-padrão (ausência de concordância) entre os informantes mais velhos - 63%, o que vem confirmar a associação já observada nos dados de SN.

Os dados obtidos dos informantes com o 2° grau, aparentemente, não seguem a mesma tendência: a primeira faixa etária atingiu 67% da variante *presença de concordância*, a segunda faixa etária atingiu 56% dessa variante, ambas diferenciando-se, da atuação da terceira faixa etária, que foi de 100% de aplicação da regra de concordância. Assim, ao contrário da tendência antes observada, aqui o grupo mais velho foi o que mais ‘concordou’. No entanto, é preciso levar em conta que os dados de SV encontrados nas entrevistas desses informantes somam um volume pequeno: são apenas 3 ocorrências para o grupo de 20 a 30 anos, 10 dados para os de 31 a 50 anos e somente 5 casos para o grupo de mais de 50 anos.

Já os resultados dos falantes com o 3° grau se aproximam do padrão verificado para os informantes do 1° grau, mas, de um modo geral, com índices mais altos de concordância nas diversas faixas etárias, o que comprova a força da escolaridade para a consolidação da forma padrão. É significativo que os informantes mais velhos com escolaridade de 1° grau usem a variante não-padrão em 63% dos dados, enquanto os falantes da mesma faixa etária, mas com o 3° grau façam uso dessa variante em 38% dos dados colhidos.

Na pesquisa realizada por Palma (1984) na cidade de Cuiabá a respeito da variação fonológica na fala de Mato Grosso, o fator extralingüístico nível de escolaridade mostrou-se decisivo na implementação da forma padrão na fala dos cuiabanos:

Elementos cuiabanos, com um mais Alto Nível de Escolaridade, apresentam maior tendência a emitir formas com segmentos fricativos, formas de prestígio. O papel do Ensino Formal apresentou-se, portanto, muito influente, decisivo, como já se poderia supor, previamente. Sendo à emissão das africadas motivo de repúdio não só de elementos da própria comunidade, mas também dos que lá se estabelecem, é natural que a divulgação de formas com segmentos de prestígio aja em detrimento das estigmatizadas. (PALMA, 1984, p. 81).

Tanto em nossa pesquisa como na de Palma, a faixa etária jovem de 20 a 30 anos apresentou um comportamento mais regular do que na faixa etária dos mais velhos:

Constatamos, aqui, que a influência do Ensino Formal vem sendo decisiva, no sentido de prescrever a adoção das formas de prestígio. Tanto a faixa etária 1 quanto a 2 recebem influências semelhantes, conseqüentemente apresentam uma tendência também semelhante no tocante à probabilidade de aplicação da regra. Quanto mais alto o Nível de Escolaridade, mais alta a probabilidade de aplicação da referida regra e vice-versa; quer na faixa etária 1, quer na 2. (PALMA, 1984, p. 98).

É no trabalho de Palma que encontramos uma outra possibilidade de interpretação para o contraste observado entre o 2º e o 3º graus, no que diz respeito à *ausência de concordância* entre os falantes mais velhos. Aparentemente na fala dos informantes da terceira faixa etária no nível universitário ocorreu um crescimento de 38% do emprego de *ausência de concordância* em relação ao que ocorre no nível secundário. Palma explicou um resultado semelhante em seus dados, dizendo que *elementos cuiabanos após atingirem o status buscado (no caso da graduação) apresentam um comportamento mais “relaxado” em termos de cumprimento das normas sociais*. Acreditamos que além desse

“relaxamento” os informantes com + de 51 anos no terceiro grau de escolaridade já têm uma certa estabilidade profissional e financeira e sentem-se mais à vontade no uso da variante regional. Não podemos, além disso, descartar a existência de outras razões que ainda não conseguimos detectar.

Com base nos resultados desse cruzamento de variáveis, acreditamos, como em Palma, que a influência dos fatores *idade* e *escolaridade* foram tão determinantes, o que nos leva a inferir que o tempo e a incisiva atuação dos estabelecimentos de ensino contribuirão para a substituição da variante regional pela variante padrão da oralidade cacerense.

## CAPÍTULO 5

### 5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa optamos por estudar a frequência da variação na concordância nominal de gênero sob o enfoque da Sociolingüística, pois essa área do conhecimento afasta-se do tipo de análise que considera apenas categorias gramaticais para o entendimento das variantes lingüísticas, estudando os fenômenos lingüísticos a partir de uma perspectiva mais ampla. A Sociolingüística apreende a variação lingüística em sua relação com o contexto social em que essa variação está inserida.

Os instrumentos teóricos e metodológicos da Sociolingüística foram decisivos para que pudéssemos mostrar a frequência da variação e identificar os condicionadores mais decisivos na aplicação da regra, e constatamos, foram os sociais.

O *corpus* analisado foi constituído com base em amostras de fala obtidas através de entrevistas gravadas na cidade de Cáceres-MT, durante o período de 2001. Essa amostra de fala compõe-se de 36 entrevistas realizadas com informantes da comunidade, feitas de acordo com as técnicas da pesquisa sociolingüística, foram transcritas, digitalizadas e retirados os dados, contendo o fenômeno em estudo. Após esse trabalho, codificamos os dados que foram rodados por meio do Programa VARBRUL. Os resultados da análise estatística indicam algumas composições em que ocorre a variação.

Desse modo, é possível uma caracterização dos contextos em que ocorre a variação na concordância de gênero. O emprego da concordância, segundo a norma padrão, está, principalmente, circunscrito ao nível do SN, em que encontramos um alto índice de presença de concordância. Observa-se, por outro lado, que o cacerense utiliza a regra de



concordância no SV com uma frequência bem menor que no SN; dessa forma, a regra não-padrão – *ausência de concordância*, na relação entre o predicativo e o sujeito da oração é muito mais utilizada, atingindo 30 % de aplicação da regra.

Ressalte-se que a variante *ausência parcial de concordância* não apresentou uma diferença significativa em relação aos casos de *ausência total de concordância*, razão pela qual as ocorrências dessas duas variantes foram amalgamadas na discussão dos demais grupos de fatores.

Sobre o fator condicionador sexo, constatamos que não há diferenças significativas entre homens e mulheres quanto à variação de concordância de gênero no nível do SN. Os índices apresentados na variante *presença de concordância* podem refletir uma aparente tendência à homogeneidade dos padrões de comportamento lingüístico da comunidade cacerense, nesse contexto.

Apesar de apresentarem o mesmo número de ocorrências na variante *ausência de concordância* no SV, o índice na fala dos homens é mais alto. Ou seja, eles é que mantêm viva a variante não-padrão. O que se percebe nesse contraste é que os homens usam mais a variante não-padrão que as mulheres. Na verdade, então, as mulheres estariam mais afetadas pela pressão normativa que os homens. Dessa forma, elas estariam mais orientadas na direção do modelo de prestígio.

Com relação ao fator condicionador *grau de escolaridade*, notamos que o alto índice de aplicação da regra de concordância demonstra que o falar cacerense está aparentemente em processo de mudança devido a vários fatores, mas principalmente pela escola que trabalha no sentido de uniformizar a fala de acordo com as regras da língua escrita. É preciso assinalar, porém, que o resultado obtido pelo fator condicionador grau de escolaridade vai no sentido esperado, ou seja, o que se verifica é que os falantes com grau de

escolaridade mais alto aplicam mais a concordância que aqueles que possuem apenas o 1º grau.

Quanto ao fator idade, sua influência foi relevante e decisiva para que pudéssemos detectar e caracterizar as variações. A análise dos resultados obtidos, sob sua influência, ofereceu-nos meios de verificar a forte tendência de os informantes da faixa etária mais velha utilizarem a forma não-padrão. Com isso, observa-se um contraste bem marcado entre as duas faixas mais jovens e a terceira faixa, dos mais velhos. Enquanto os primeiros se mantêm relativamente próximos aos índices gerais (ver gráfico 1), os falantes mais velhos se distanciam significativamente daqueles resultados, revelando uma fala marcada fortemente pela variante *ausência de concordância*.

Esses resultados indicam aparentemente que está ocorrendo um processo de mudança lingüística, na medida em que a variante não-padrão resiste principalmente na fala dos mais idosos. Essa tendência pode estar sendo condicionada por vários fatores, dentre os quais podemos citar: o fluxo de movimentos migratórios, a expansão dos meios de comunicação de massa, a abertura da rodovia federal BR 070, a implantação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Acreditamos, porém, que esse resultado poderá ser explicado pelo fato de que os falantes mais jovens estão mais expostos ao mercado profissional e, portanto, sofrem maior pressão normativa. É preciso considerar que uma grande parcela do mercado de trabalho dessa comunidade é mantida por migrantes das diversas regiões do país. Essas pessoas estranham não só o modo de falar da região como os costumes e as tradições, estigmatizam a comunidade e acabam por desprestigiar a sua fala e forçar a aparente mudança lingüística. Portanto, os nativos tendem a perder os traços característicos da região igualando-se a outras comunidades.

Com base nos resultados apresentados nesta pesquisa, acreditamos que a influência dos fatores *idade* e *escolaridade* foram determinantes e nos levou a inferir que, com essa incisiva atuação dos estabelecimentos de ensino, em um curto espaço de tempo assistiremos à substituição da variante regional pela variante padrão na fala da comunidade cacerense.

Portanto, esses resultados mostram claramente que a comunidade cacerense está substituindo sua fala até nos momentos de interação na comunidade, o que nos leva a refletir: estaria essa aparente mudança na comunidade circunscrita somente à fala? Ou atinge também os costumes e as tradições da comunidade? Essas reflexões partem do conhecimento que temos da comunidade. Sabemos, ainda, que não há um sentimento de reação como o observado por Labov na comunidade de Martha's Vineyard, em 1963 (Labov, 1972). O que existe é uma aceitação de outros padrões impostos pelos imigrantes. Esses novos padrões, além de uniformizarem a fala da população por meio de métodos educacionais e outros que envolvem a pressão normativa, criam um sentimento estranho, em relação ao falar local: desse modo, os nativos mais jovens deixam de usar a fala regional e acabam por substituir o falar deixando de lado a cultura de seus ancestrais.

Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram como os fatores sócio-econômicos e culturais criam as condições para o início de um nivelamento lingüístico, que tende a neutralizar a marca característica da região, em função do padrão de realização da regra de concordância de gênero. Portanto, os padrões lingüísticos não podem ser compreendidos apenas em termos de suas relações internas, mas devem ser considerados como parte de um contexto sócio-cultural mais amplo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, T. M. Sociolingüística. In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C (Orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua portuguesa*. 40ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1995. p.457-460.
- AMARAL, A. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: Anhembi, 1920.
- BARROS, E. M. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1985. p.281-283.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática portuguesa*. 30ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1986. p.295-302.
- BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 416- 427.
- BOAS, F. *Introduction to the handbook of American Indian languages*. Washington, D.C. Georgetown University Press, 1911.
- BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal do Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, 1977, Dissertação de Mestrado, PUC.
- CAMACHO, R. G. Sociolingüística. In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CÂMARA, Jr. J. M. *História da lingüística*. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CARENO, M. do. *A linguagem rural do Vale do Ribeira: A voz e a vez das comunidades negras*. Assis: Universidade Estadual Paulista, Tese de Doutorado, 1991.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua portuguesa*. 29ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987. 368-375.
- CINTRA, G. *Transcrição da fala corrente: teoria e observação. Estudos lingüísticos XXI – Anais de Seminários do GEL*. Jaú: Fundação Educacional “Raul Bauab”, 1992. Vol. I: pp. 614-620.
- FERREIRA, C. et. alli. *Diversidade do português do Brasil; estudos de dialetologia rural e outros*. 2ª ed. Revista. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- GUY, G. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonology, Syntax and Language History*. University of Pennsylvania, PhD Dissertation. Ann Arbor: University Microfilms Internacional, 1981.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. In: *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1963.

LABOV, Willian. *The social stratification of English in New York city*. Washington, D.C.: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, Willian. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C. Center for Applied Linguistics, 1996.

LUCCHESI, D. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2000.

LUCCHESI, D. & MACEDO, A. *A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu*. Papiá – Revista de Crioulos de Base Ibérica. 1997. 9: 20-36.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARROQUIM, M. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MENDES, N. F. *A História de Cáceres*. Cáceres, 1973.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLLICA, M. C. (Orgs.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. (Orgs.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992.

NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. Estabilidade e mudança lingüística em tempo real: a concordância de gênero. In: PAIVA, M. da C. & DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar Carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de & PAIVA, M.C.A. Visão de conjunto das variáveis. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolingüísticos. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1996.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Sobre os Reflexos Sobre os Sociais da Mudança em Progresso. In: VEADO, ROSA MARIA ASSIS (Orgs.) *Ensaio de Lingüística*. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

PALMA, M. L. C. *Varição Fonológica na Fala de Mato Grosso: Um Estudo Sociolingüístico*. Cuiabá: UFMT, Imprensa Universitária, 1984.

SCHERRE, M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1978.

SCHERRE, M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1988.

SCHERRE, M. P. *Aspectos da concordância de número no português do Brasil*. Revista Internacional de Língua Portuguesa, 1994. 12: 37-49.

SCHERRE, M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. IN: MACHINE de OLIVEIRA, G. & SCHERRE, M. P. (Orgs.). *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. 37-50.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Atica, 1974.

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Àtica, 1997.

TRUDGILL, P. *The social differentiation of English of Norwich*. Cambridge, Cambridge University Press, 1974.

WOLFRAN, W. *Linguistic correlates of social stratification in speech of Detroit negroes*. PhD. Thesis. Hartford Seminary Foundation, 1969.

WORF, B. L. The relation of habitual thought and behavior to language. In: CARROL, J. B. (Orgs). *Language, thought and reality. Selected writings of Benjamin Lee Whorf*. New York, Cambridge University Press, 1941.

VEADO, R. M. A. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

**ANEXO**

**CASOS DE VARIACAO DE CONCORDANCIA DE GENERO NO NIVEL DO SV**

(0AVM3B(Se colocava é um... Não sei o nome... Que dá pra colocar o ar dentro da lona, aí erquia- se aquela estrutura com ar. E aonde adentrava os caminhões e o pessoal ali pra trabalhar. Acabava o serviço, eles desligava aquele motor e a estrutura ficava APOIADO só sobre os cereais, e funcionava assim. E na Casemat que era hoje, funcionava o mercado produtor ali naquela (n.27)))

(0AVM1C(Entramo na rua Comandante Balduino aí Marethal Deodoro, carregamo o carro na casa que papai tinha comprado é os carro vortaram para a beira do rio para a entrada da fazenda né. As ruas de Cáceres era TUDO GRAMADO, só tinha trilho de carroça. É porque nessa época não tinha carro motorizado né(n.28)))

(0AVM1C(Tudo né, até cervedja. Tudo vinha encatchotado. Cervedja vinha ENSACADO. Não, era em caixas ((sorriu)) ensacado em palha. Cada garrafa vinha numa bolsinha de palha. Aí as ruas eh... ... De noite era iluminado com lampião de querosene né, prefeitura tinha um empregado que acendia no escurecê. Ele acendia os lampião,na estrada(n.28)))

(0AVM1C(Tudo né, até cervedja. Tudo vinha encatchotado. Cervedja vinha ensacado. Não, era em caixas ((sorriu)) ENSACADO em palha. Cada garrafa vinha numa bolsinha de palha. Aí as ruas eh... ... De noite era iluminado com lampião de querosene né, prefeitura tinha um empregado que acendia no escurecê. Ele acendia os lampião,na estrada(n.28)))



(0AVM1C(Tudo né, até cervedja. Tudo vinha encatchotado. Cervedja vinha ensacado. Não, era em caixas ((sorriu)) ensacado em palha. Cada garrafa vinha numa bolsinha de palha. Aí as ruas eh... ..De noite era ILUMINADO com lampião de querosene né, prefeitura tinha um empregado que acendia no escurecê. Ele acendia os lampião,na estrada(n.28)))

(0AVM1C(Foi em quarenta e cinco, foi? ((sorriu)). E quando passava firme na época da guerra, tinha documentário da guerra dos momentos de batalha né, bem mesmo real sabe? A guerra passava real num era INVENTADO como firme né, então tinha o general Mongomeri que lutava no deserto contra o alemão não sei o que lá ((sorriu)) que era macho também no deserto(n.28)))

(0AVM1C(era antigamente... era Vital é Vital Migués né! Ai passô... não, não tudo em Curumbá ESSE era O EMPRESA de navegação Migués né! Ai passô pro João Luiz Migués, filho do Vital né ai o Vital morreu, fico só o filho, ai eu trabalhei só nessa empresa eu trabalhei vinte ano ...vida du rio...do riu a minha vida foi tudo bera de rio(n.29)))

(0AVM1C(a vida de criança ERA PRESO(n.29)))

(0AVM1C(criança chegava uma visita em casa criança era O PRIMEIRO que sumia lá pro quintar(n.29)))

(0AVF1A (A gente fez eh a gente fazia assim juntava bastante menina né eh ia brinca de fazê comidinha uma hora saia QUEIMADO (n. 1)))

(0AVF1A (A gente fez eh a gente fazia assim juntava bastante menina né eh ia brinca de fazê comidinha uma hora saia queimado outra saia MEIA CRU mais a gente brincava muito assim eu tinha minhas panelinhas eu tinha tudo (n.1)))

(0AVF1A (A gente fez eh a gente fazia assim juntava bastante menina né eh ia brinca de fazê comidinha uma hora saia queimado outra saia meia cru mais a gente brincava muito assim eu tinha minhas panelinhas eu tinha tudo (n.1)))

(1PVF1A(ela era piquinininha(N.1)))

(1PVF1A(elas tão moçona(N.2)))

(0AVF2A(Não eu acho que eu nasci né, aqui e fui pra lá depois que eu nasci e fiquei até uns seis anos. Hi.... ....Lá era muito bom né porque apesar de FICAR SOZINHO lá não tinha criança(N.4)))

(0AVF3A(Não tinha medo de morre AFOGADO, não sei nós íamos sozinhos assim eu e Renilda é... Lá era bem pequena a cidade, né!(n.5.)))

(0AVF3A(Não tinha medo de morre afogado, não sei nós íamos SOZINHOS assim eu e Renilda é... Lá era bem pequena a cidade, né!(n.5.)))

(1PVF3A(Não tinha medo de morre afogado, não sei nós íamos sozinhos assim eu e Renilda é... Lá

ERA BEM PEQUENA A CIDADE, né!(n.5.))

(1PVF3A( Lá era bem pequena(n.5.))

(0AVF3A(sabe aquela coisa de consumo e perdi um ano de bobeira né, aí, conclui o segundo grau FIQUEI PARADO uma época também né, fiquei parada(n.5))

(1PVF3A(sabe aquela coisa de consumo e perdi um ano de bobeira né, aí, conclui o segundo grau fiquei parado uma época também né, FIQUEI PARADA(n.5))

(1PVF3A(era minha prima(n.6))

(1PVF3A(Mas, É SABIDA pra caramba tem preferência por música, por programa de TV, tudo essas coisas(n.6))

(0AVF1B(Eu já tive sete filhos. Aí tchegô Márcia e Elaininha que eu já

TINHA PIQUENO também. A Márcia tá lá em Peixoto co a mãe, hoje ela foi já tinha dez anos... Aí quando tchegô Géssica eu já tinha uma casa minha mesmo que era um barraco mais eu considerava uma casa porque era meu né. Eu já tinha Géssica piquinininha(n.7))

(1PVF1B(Elaine era piquinininha(n.7))

(1PVF1B(Não ele deixava a gente assim lá no pátio sozinho fazendo uma tarefa ou de Joelho memô que a irmã Ana era MUITO BRAVA(n.8))

(0AVF2B(Não era difícil a bola também ERA FEITO de meia (risos) era feito de meia a bola, você enfiava bastante... O que desse, né! De enfiar lá dentro assim roupa velha, alguma coisa, a gente enfiava e fazia a bola(N.10)))

(0AVF2B(alembro da missa das oito horas (risos) a missa das oito ERA SAGRADO! Ai todo mundo vô na missa, vô na missa, mas, segunda intenção, é do cinema, né! Olha eu assistia tantos filme, não lembro(N.10)))

(0AVF1C(Na época né todo mundo jogava no destacamento e nós fomos, muito BUNITO, Bahia da gaiva.(n.13)))

(0AVF1C(L..., ela trabalhava e guardava tudo o dinheirinho dela era sagrado. Mais o meu, eu quiria o meu vencimento deles. É seus mais, eu tenho que ter o meu também, uma partezinha que era MEU. L... M..., agora eles falam mamãe L... M... pegô mamata L... M... é isso, mas olha, eles tem um quê com L... M..., sabe(n.14)))

(0AVF1C(Aí levantei cedo cum barrigão ... menina sentei, menina ... eu atchava que ia ter ela ainda nê, ela num tinha nem camisinha ainda, aí rebentô a bolsa, eu sentada no vaso. Eh! Mais gritei e levantei rápido de onde eu ESTAVA SENTADO, ela ia caí dentro do buraco, lá. Fala prela, sua mãe me conto que ocê ia caí dentro da merda lá ... ((sorriu)) (n.14)))

(0AVF1C(aí levantei rapidinho ra só água, aí gritava,Esse que é coisa tive sete filho normal, o quarto não tive porque vim pra operá, senão ia te doze porque a raça era FIEIRO né. Aí mas, tudo bem graças a Deus tenho meus filho os sete, tudo com saúde, tudo em paz com luta. Mas

hoje num pode também mais te minha fia. Num pode mais te meia dúzia, tá difícil, educação tá difícil, tá tudo difícil. (n.14)))

(1PVF3C(era a Naná, era cata bola,minha turma(N.16)))

(0AVF3C(Queimada bola de queimada? Nós fazia de meia, meia furada, nós fazia bastante, colocava uma dentro da outra, né! Até virá aquele volume grosso. Esse era A BOLA NOSSA. Bola de pobre, mai num duia. (risos) não, aquela não dói não! Dói a de borracha que páa, estora assim no sua perna, arde, né! De meia não... (N.16)))

(0AVF3C(Porque do meu tempo os homens ainda vestiam como os índios, tô colocano índio né! Porque índio não fedia nada, as ropas era TUDO PINTADO, era tudo bunito, a gente fazia era três meses antes já tava todo mundo preparando, terminava de fazê a fantasia um colega ajudava o outro! (N.16)))

(0AVF3C(Porque do meu tempo os homens ainda vestiam como os índios, tô colocano índio né! Porque índio não fedia nada, as ropas era tudo pintado, era TUDO BUNITO, a gente fazia era três meses antes já tava todo mundo preparando, terminava de fazê a fantasia um colega ajudava o outro! (N.16)))

(0AVM1A(tenho, eu tenho uma irmã que MAIS VELHO que eu que não foi criado com a gente né. E tenho mais treis irmãos e mais uma menina e dois irmãos casulos dos meninos(n.19))).

(0AVM1A(tenho, eu tenho uma irmã que mais velho que eu que NAO FOI CRIADO com a gente né. E tenho mais três irmãos e mais uma menina e dois irmãos casulos dos meninos(n.19))).

(1PVM3A(Eu fiquei meio assim porque ELA ERA ASSIM RÍGIDA e ela pegava muito no meu pé e eu acabei saindo de lá, ai fui pro colégio adventista, fiz minha primeira série no adventista e o segundo também a terceira série eu fui pro estadual porque tinha um amigo(n.21)))

(0AVM3A(E que sempre algum conhecido via, chegava em casa minha mãe já tava sabeno! Já tava sabeno a maioria das vezes... algumas vezes... Pergunta: E aí você aprendeu a remar, nadar? Resposta: tudo esse ai. (n.22))) -

(0AVM2B(Nossa, a infância era MARAVILHOSO, porque chegava saia com pai cedinho no domingo ia pra igreja... íamos todos nós somos em cinco filhos, e pai e mãe, né! Saíamos pra igreja, oito horas, tinha missa na catedral, se não me lembro era assim oito hora, até hoje não esqueço do banco(N.24)))

(0AVM2B(Então tinha, todo aquele ritual de sete de setembro e seis de outubro, e a fanfarra o pessoal de fora vinha toca aqui... era muito GOSTOSO a competitividade entre as escolas, tá! Em massa...totalmente todo mundo ia pra lá todo mundo(N.24)))

(0AVM2B(a infância a minha pra deles? Ah! Totalmente diferente ... MODIFICADO, arriscado, perigoso. Hoje se a criança sai agente que é pai já num dorme. Se passou da hora-

que hora que cê vem? - Eu venho uma hora, duas horas, cê passou daquele horário cê num dorme, já não sabe pra onde tá ... com quem? Muito difícil hoje em dia(n.25)))

(0AVM2B(a infância a minha pra deles? Ah! Totalmente diferente... modificado, ARRISCADO, perigoso. Hoje se a criança saí agente que é pai já num dorme. Se passou da hora - que hora que cê vem? - Eu venho uma hora, duas horas, cê passou daquele horário cê num dorme, já não sabe pra onde tá ... com quem? Muito difícil hoje em dia(n.25)))

(0AVM2B(a infância a minha pra deles? Ah! Totalmente diferente... modificado, arriscado, PERIGOSO. Hoje se a criança saí agente que é pai já num dorme. Se passou da hora - que hora que ce vem? - Eu venho uma hora, duas horas, cê passou daquele horário cê num dorme, já não sabe pra onde tá ... com quem? Muito difícil hoje em dia(n.25)))

(1PVF1A(minha eram as bunecas pequenas(N.1)))

## CASOS DE VARIACAO DE CONCORDANCIA DE GENERO NO NIVEL DO SN

(0ANF1A (Não porque eu... Porque os outros tudo mudou também depois ME AVÓ morreu eu fui mora com minha mãe aí depois mudamos de novo aí a gente perdemos o pessoal né, já perdendo né porque uns mudô outros foi imbora né (n. 1)))

(0ANF1A (Tinha um quintal bem grande né assim falava terreno grande, a gente brincava muito ali assim, principalmente quando tava LUA CLARO né (n. 1))

(1PNF1A (as meninas(N.1)))

(1PNF1A(as crianças(N. 1)))

(1PNF1A(ca minha vó(N. 1)))

(1PNF1A(as meninas(N.1)))

(1PNF1A(da minha idade(N.1)))

(1PNF1A(minha filha(N.1)))

(1PNF1A(as minhas bunecas(N.1)))

(1PNF1A(minhas coisas de cosinha(N.1)))

(1PNF1A(minha filha(N.1.)))

(1PNF1A(minhas panelinhas(N.1.)))

(1PNF1A(a minha filha(N.1)))

(1PNF1A(as bunequinhas(N.1)))

(1PNF1A(aquelas bunequinhas de pano(n.1)))

(1PNF1A(minha eram as bunecas pequenas(N.1)))

(1PNF1A(aquelas outras(N.1)))



(1PNF1A(uma calcinha(N.1)))  
(1PNF1A(na época(N.1)))  
(1PNF1A(pras bunecas(N.1)))  
(1PNF1A(minha vó(N.1)))  
(1PNF1A(minha vó(N.1)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.1)))  
(1PNF1A(minha vó(N.1)))  
(1PNF1A(a minha vó(N.1)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.1)))  
(1PNF1A(minha vó(N.1)))  
(1PNF1A(a minha vó(N.1)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.1)))  
(1PNF1A(minha avó(N.1)))  
(1PNF1A(a minha avó(N.1)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.1)))  
(1PNF1A(na casa de minha avó(N.1)))  
(1PNF1A(a casa dela(N.1)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.1)))  
(1PNF1A(minha avó(N.1)))  
(1PNF1A(crente apostólica(N.1)))  
(1PNF1A(aquela igreja(N.1)))  
(1PNF1A(na festa(N.1)))  
(1PNF1A(minha filha(N.1)))  
(1PNF1A(todas as festinhas(N.1)))  
(1PNF1A(minha filha(N.1)))

(1PNF1A(Essas coisas(N.2)))  
(1PNF1A(na época de manga(N.2)))  
(1PNF1A(essa bucha(N.2)))  
(1PNF1A(A bola(N.2)))  
(1PNF1A(uma bola(N.2)))  
(1PNF1A(uma bola redonda(N.2)))  
(1PNF1A(a bola(N.2)))  
(1PNF1A(na rua(N.2)))  
(1PNF1A(na rua(N.2)))  
(1PNF1A(na minha época(N.2)))  
(1PNF1A(na minha casa(N.2)))  
(1PNF1A(a janela(N.2)))  
(1PNF1A(pela janela(N.2)))  
(1PNF1A(pela janela(N.2)))  
(1PNF1A(a casa(N.2)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(a caçula(N.2)))  
(1PNF1A(alguma coisa errada(N.2)))  
(1PNF1A(a caçula(N.2)))  
(1PNF1A(minha idade(N.2)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(Maria minha irmã(N.2)))  
(1PNF1A(a Maria(N.2)))  
(1PNF1A(a Maria(N.2)))  
(1PNF1A(a mãe(N.2)))

(1PNF1A(a mãe(N.2)))  
(1PNF1A(a mãe(N.2)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(na casa(N.2)))  
(1PNF1A(dona Margareti(N.2)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(dona Margaret(N.2)))  
(1PNF1A(da dona Margaret(N.2)))  
(1PNF1A(na época(N.2)))  
(1PNF1A(as filha dela(N.2)))  
(1PNF1A(as menina(N.2)))  
(1PNF1A(a minininha dela(N.2)))  
(1PNF1A(dona Cida(N.2)))  
(1PNF1A(as crianças(N.2)))  
(1PNF1A(a Iana(N.2)))  
(1PNF1A(na casa(N.2)))  
(1PNF1A(na dona Margaret(N.2)))  
(1PNF1A(a festa(N.2)))  
(1PNF1A(pela rua iscura(N.2)))  
(1PNF1A(Naquela época(N.2)))  
(1PNF1A(na rua(N.2)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(pra minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(na minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(na casa(N.2)))

(1PNF1A(a minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(na casa(N.2)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(pra dona Cida(N.2)))  
(1PNF1A(minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(A Cida(N.2)))  
(1PNF1A(dona Margaret(N.2)))  
(1PNF1A(dona Cida(N.2)))  
(1PNF1A(na aula(N.2)))  
(1PNF1A (na dona Margaret(N.2)))  
(1PNF1A (dona Cida(N.2)))  
(1PNF1A (na aula(N.2)))  
(1PNF1A (a turma(N.2)))  
(1PNF1A (na dona Margaret(N.2)))  
(1PNF1A(minha matrícula(N.2)))  
(1PNF1A(a maioria(N.2)))  
(1PNF1A(a minha professora(N.2)))  
(1PNF1A(a mãe(N.2)))  
(1PNF1A(na época(N.2)))  
(1PNF1A(na época(N.2)))  
(1PNF1A(a minha mãe(N.2)))  
(1PNF1A(na iscola(N.2)))  
(1PNF1A(à escola(N.2)))  
(1PNF2A(Na casa dela(N.4)))  
(1PNF2A(uma casa(N.4)))

(1PNF2A(a minha tia(N.4)))  
(1PNF2A(a família(N.4)))  
(1PNF2A(a minha tia(N.4)))  
(1PNF2A(a irmã(N.4)))  
(1PNF2A(na escola(N.4)))  
(1PNF2A(a tia(N.4)))  
(1PNF2A(minha mãe(N.4)))  
(1PNF2A(na Escola(N.4)))  
(1PNF2A(a primeira(N.4)))  
(1PNF2A(a segunda série(N.4)))  
(1PNF2A(a terceira(N.4)))  
(1PNF2A(a quinta(N.4)))  
(1PNF2A(a primeira(N.4)))  
(1PNF2A(a segunda(N.4)))  
(1PNF2A(na escola(N.4)))  
(1PNF2A(na rua(N.4)))  
(1PNF2A(a maioria(N.4)))  
(1PNF2A(a Elivânia(N.4)))  
(1PNF2A(na escola(N.4)))  
(1PNF3A(a minha infância  
(1PNF3A(a televisão  
(1PNF3A(a cidade(n.5)))  
(1PNF3A(a cidade(n.5.)))  
(1PNF3A(A escola(n.5.)))  
(1PNF3A(as minhas professoras(n.5.)))

(1PNF3A(a época da palmatória(n.5.)))  
(1PNF3A(a tarefa(n.5.)))  
(1PNF3A(na tampinhana(n.5.)))  
(1PNF3A(a escola(n.5.)))  
(1PNF3A(a Regina(n.5.)))  
(1PNF3A(a barra(n.5.)))  
(1PNF3A(a prova(n.5.)))  
(1PNF3A(na balança(n.5.)))  
(1PNF3A(na secretaria(n.5.)))  
(1PNF3A(pra câmara municipal(n.5.)))  
(1PNF3A(da balança(n.5.)))  
(1PNF3A(as mulheres(n.5.)))  
(1PNF3A(a menina(n.5.)))  
(1PNF3A(uma sala(n.5.)))  
(1PNF3A(uma pedagoga(n.5.)))  
(1PNF3A(uma faculdade(n.5.)))  
(1PNF3A(na sala (n.5.)))  
(1PNF3A(uma turma(n.5.)))  
(1PNF3A(minha aluna(n.5.)))  
(1PNF3A(na escola(n.5.)))  
(1PNF3A(uma biblioteca pequena(n.5.)))  
(1PNF3A(minha aula(n.5.)))  
(1PNF3A(na rua(n.6.)))  
(1PNF3A(a bola(n.6.)))  
(1PNF3A(as férias(n.6.)))

(1PNF3A(na fazenda(n.6)))  
(1PNF3A(a fazenda(n.6)))  
(1PNF3A(a única bola(n.6)))  
(1PNF3A(a bola(n.6)))  
(1PNF3A(na casa(n.6)))  
(1PNF3A(na casa(n.6)))  
(1PNF3A(na rua(n.6)))  
(1PNF3A(da casa(n.6)))  
(1PNF3A(na fanfarra(n.6)))  
(1PNF3A(a missa(n.6)))  
(1PNF3A(a missa(n.6)))  
(1PNF3A(uma tia(n.6)))  
(1PNF3A(uma tia(n.6)))  
(1PNF3A(a cara velha(n.6)))  
(1PNF3A(a missa(n.6)))  
(1PNF3A(na minha adolescência(n.6)))  
(1PNF3A(a missa(n.6)))  
(1PNF3A(uma tia(n.6)))  
(1PNF3A(minha mãe(n.6)))  
(1PNF3A(sua filha(n.6)))  
(1PNF3A(sua filha(n.6)))  
(1PNF3A(na capela(n.6)))  
(1PNF3A(na cadeira(n.6)))  
(1PNF3A(da sala(n.6)))  
(1PNF3A(a fila(n.6)))

(1PNF3A(na minha vez(n.6)))  
(1PNF3A(minha mãe(n.6)))  
(1PNF3A(na cabeça(n.6)))  
(1PNF3A(na cabeça(n.6)))  
(1PNF3A(as disciplinas(n.6)))  
(1PNF3A(a matemática(n.6)))  
(1PNF3A(pra outra(n.6)))  
(1PNF3A(outra outra série(n.6)))  
(1PNF3A(na sétima série(n.6)))  
(1PNF3A(a ultima(n.6)))  
(1PNF3A(A faculdade(n.6)))  
(1PNF3A(Na época(n.6)))  
(1PNF3A(na UNEMAT(n.6)))  
(1PNF3A(na sala(n.6)))  
(1PNF3A(da minha cidade(n.6)))  
(1PNF3A(da minha cidade(n.6)))  
(1PNF3A(a vida(n.6)))  
(1PNF3A(a vida (n.6)))  
(1PNF3A(a classe inteira(n.6)))  
(1PNF3A(na época(n.6)))  
(1PNF3A(as lembranças(n.6)))  
(1PNF3A(na casa(n.6)))  
(1PNF3A(da farofa(n.6)))  
(1PNF3A(da farofa(n.6)))  
(1PNF3A(na farinha(n.6)))



(1PNF3A(a farofa(n.6)))  
(1PNF3A(uma panelinha(n.6)))  
(1PNF3A(minha mãe(n.6)))  
(1PNF3A(minhas amigas(n.6)))  
(1PNF3A(a primeira(n.6)))  
(1PNF3A(a Geovana (n.6)))  
(1PNF3A(a Kélvia(n.6)))  
(1PNF3A(minha mãe(n.6)))  
(1PNF3A(minha mãe(n.6)))  
(1PNF3A(as tarefas(n.6)))  
(1PNF3A(uma irmã(n.6)))  
(1PNF3A(minha irmã(n.6)))  
(1PNF3A(minha irmã(n.6)))  
(1PNF3A(minha vó(n.6)))  
(1PNF3A(minha irmã(n.6)))  
(1PNF3A(sua filha(n.6)))  
(1PNF3A(minha mãe(n.6)))  
(1PNF3A(a criança(n.6)))  
(1PNF3A(as pernas(n.6)))  
(1PNF3A(A tia(n.6)))  
(1PNF3A(A cinderela(n.6)))  
(1PNF3A(minha vó(n.6)))  
(1PNF3A(minha vó(n.6)))

(0ANF3A(minha vó Titã morava em Campo Grande, mas ela vinha muito pra cá, então era com ela que eu ia pra reza... pra quermesse, carregava o andor...TUDO ESSES COISAS(n.6))

(1PNF3A(minha mãe(n.6)))

(1PNF3A(minha mãe(n.6)))

(1PNF1B(Minha passagem(n.7)))

(1PNF1B(minha irmã(n.7)))

(1PNF1B(na casa(n.7)))

(1PNF1B(as pessoas(n.7)))

(1PNF1B(Minha mãe(n.7)))

(1PNF1B(minhas irmãs(n.7)))

(1PNF1B(minha irmã(n.7)))

(1PNF1B(minha irmã Maria(n.7)))

(1PNF1B(A minha irmã(n.7)))

(1PNF1B(uma fábrica(n.7)))

(0HNF1B(Saiu uma fábrica de congelado de peixe que fazia hambúrguer ESSAS COISAS TUDINHO de peixe filé e eu fui trabalha lá, eu era tchefe da turma porque eu tinha experiência de serviço trabalhava com aquelas máquinas pesado pra cortar pra separar aí, que começou a mudar aí que agente adquiriu(n.7))

0HNF1B(Saiu uma fábrica de congelado de peixe que fazia hambúrguer essas coisas

tudinho de peixe filé e eu fui trabalha lá, eu era tchefe da turma porque eu tinha experiência de serviço trabalhava com AQUELAS MAQUINAS PESADO pra cortar pra separar aí, que começou a mudar aí que agente adquiriu(n.7))

(1PNF1B(A minha vida(n.7)))

(1PNF1B(minha vida(n.7)))

(1PNF1B(na casa(n.7)))

(1PNF1B(as minhas irmãs(n.7)))

(1PNF1B(a minha irmã(n.7)))

(1PNF1B(uma casa(n.7)))

(1PNF1B(minha irmã(n.7)))

(1PNF1B(minha casa(n.7)))

(1PNF1B(minha família(n.7)))

(1PNF1B(a família(n.7)))

(1PNF1B(minha comida(n.7)))

(1PNF1B(na rua(n.7)))

(1PNF1B(minha filha(n.7)))

(1PNF1B(a cama(n.7)))

(1PNF1B(uma cama(n.7)))

(1PNF1B(na cama(n.7)))

(1PNF1B(a cama(n.7)))

(1PNF1B(a porta fechada(n.7)))

(1PNF1B(minha mãe(n.7)))

(1PNF1B(uma amiga dela(n.7)))

(1PNF1B(na minha casa(n.7)))

(1PNF1B(a senhora(n.7)))

(1PNF1B(minha menininha(n.7)))

(1PNF1B(minha irmã (n.7)))

(1PNF1B(minha irmã(n.7)))

(0ANF1B(Tinha W... e F... ficou W... e quando nasceu F... acrescentou que já tinha pra combina. Só que tchegô NO ELAINE que era pra ser um nome parecido com os dois eh... Tinha Elaine que na época todo mundo falava Elaine, Elaine, ficou Elaine. Aí Gêssica(n.7)))

(1PNF1B(a senhora(n.7)))

(1PNF1B(a senhora(n.7)))

(1PNF1B(a sandália(n.7)))

(1PNF1B(a sandália(n.7)))

(1PNF1B(na rua(n.8)))

(1PNF1B(uma brincadeira(n.8)))

(1PNF1B(uma brincadeira(n.8)))

(1PNF1B(na rua(n.8)))

(1PNF1B(na Cohab Velha(n.8)))

(1PNF1B(na rua das Esmeraldas(n.8)))

(1PNF1B(a rua(n.8)))

(1PNF1B(a rua das Esmeralda(n.8)))

(1PNF1B(a irmã Ana(n.8)))

(1PNF1B(as mulheres(n.8)))

(1PNF1B(na padaria(n.8)))

(1PNF1B(Na época(n.8)))

(1PNF1B(a escola (n.8)))

(1PNF1B(da escola(n.8)))

(1PNF1B(na aula(n.8)))

(1PNF1B(outra escola. (n.8)))

(1PNF1B( a missa(n.8)))

(1PNF1B(A mãe(n.8)))

(1PNF1B(na beira(n.8)))

(1PNF1B(da casa(n.8)))

(0HNF1B(mais eu tenho uma menina que vai lá NO MINHA MÃE vai lá(n.8)))

(1PNF2B(Minha época(n.9)))

(1PNF2B(na escola(n.9)))

(1PNF2B(das colegas(n.9)))

(1PNF2B(na praça(n.9)))

(1PNF2B(na minha época(n.9)))

(1PNF2B(As donas(n.9)))

(1PNF2B(nas escolas(n.9)))

(1PNF2B(as alunas(n.9)))

(1PNF2B(Minha mãe(n.9)))

(1PNF2B(a valsa(n.9)))

(1PNF2B(na minha época(n.9)))

(1PNF2B(uma escola pública(n.9)))

(1PNF2B(das irmãs(n.9)))

(1PNF2B(uma iscola(n.9)))

(1PNF2B(a mão(n.9)))

(1PNF2B(na época(n.9)))  
(1PNF2B(sua infância(n.9)))  
(1PNF2B(minha mãe(n.9)))  
(1PNF2B(minha mãe(n.9)))  
(1PNF2B(minha mãe(n.9)))  
(1PNF2B(minha casa(n.9)))  
(1PNF2B(minha casa(n.9)))  
(1PNF2B(da minha casa(n.9)))  
(1PNF2B(minhas amigas(n.9)))  
(1PNF2B(minha vida(n.9)))  
(1PNF2B(nessa época(n.9)))  
(1PNF2B(uma época maravilhosa (n.9)))  
(1PNF2B(da minha vida(n.9)))  
(1PNF2B(uma menininha(n.9)))  
(1PNF2B(minha mãe(n.9)))  
(1PNF2B(minha vida(n.9)))  
(1PNF2B(Na minha época(n.9)))  
(1PNF2B(minha mãe(n.9)))  
(1PNF2B(na época(n.9)))  
(1PNF2B(na igreja (n.9)))  
(1PNF2B(minha vida(n.9)))  
(1PNF2B(a bola(N.10)))  
(1PNF2B(roupa velha(N.10)))  
(1PNF2B(a bola(N.10)))  
(1PNF2B(minha casa(N.10)))

(1PNF2B(minha mãe(N.10)))  
(1PNF2B(as crianças(N.10)))  
(1PNF2B(na escola(N.10)))  
(1PNF2B(minha mãe(N.10)))  
(1PNF2B(na escola(N.10)))  
(1PNF2B(na Maçonaria(N.10)))  
(1PNF2B(da missa(N.10)))  
(1PNF2B(a missa(N.10)))  
(1PNF2B(na missa(N.10)))  
(1PNF2B(uma irmã(N.10)))  
(1PNF2B(outra irmã(N.10)))  
(1PNF2B(a televisão(N.10)))  
(1PNF2B(as pessoas(N.10)))  
(1PNF2B(as crianças(N.10)))  
(1PNF2B(a mãe(N.10)))  
(1PNF2B(a pessoa(N.10)))  
(1PNF3B(na adolescência(n.11)))  
(1PNF3B(na cidade(n.11)))  
(1PNF3B(da missa(n.11)))  
(1PNF3B(uma festinha (n.11)))  
(1PNF3B(pra cachoeira(n.11)))  
(1PNF3B(na adolescência(n.11)))  
(1PNF3B(minha adolescência(n.11)))  
(1PNF3B(As brincadeiras(n.11)))  
(1PNF3B( a quarta série (n.11)))

(1PNF3B(na escola(n.11)))

(1PNF3B(as fantasias(n.11)))

(1PNF3B(Na escola(n.11)))

(1PNF3B(na escola(n.11)))

(1PNF3B(as escolas(n.11)))

(1PNF3B(a escola(n.11)))

(0HNF3B(Coloquei que eu não iria, ia trabalhar no outro dia, mas, não iria desfila. Porque eu não vejo sentido nessa forma que ta colocado.Acho que o importante a gente sê nacionalista, mas, não sê obrigado a cumprir por conta de UM QUESTÃO BUROCRÁTICA, né. Esse momento tem que te um outro sentimento, um outro espírito, né!(n.11)))

(0HNF3B(nossa alfabetização Eu tava dizendo que as únicas coisas que eu me recordo é que O PRIMEIRA VEZ vez que a gente foi escola né(n.11)))

(1PNF3B(nessa forma(n.11)))

(1PNF3B(na escola(n.11)))

(1PNF3B(na escola(n.11)))

(1PNF3B(na escola(n.11)))

(1PNF3B(a professora(n.11)))

(1PNF3B(a unha(n.11)))

(1PNF3B(a cartilha(n.11)))

(1PNF3B(aquela descoberta grandiosa(n.11)))

(1PNF3B(na escola(n.11)))

(1PNF3B(a família(n.11)))



(1PNF3B(da escola(n.11)))  
(1PNF3B(a Nadia(n.11)))  
(1PNF3B(a escola(n.11)))  
(1PNF3B(na escola(n.11)))  
(1PNF3B(as pessoas(n.11)))  
(1PNF3B(na escola (n.11)))  
(1PNF3B(na escola(n.11)))  
(1PNF3B(uma proposta(n.11)))  
(1PNF3B(na escola(n.11)))  
(1PNF3B(na escola(n.11)))  
(1PNF3B(na escola(n.11)))  
(1PNF3B(a quarta(n.11)))  
(1PNF3B( a quinta série(n.11)))  
(1PNF3B(nas escolas(n.11)))  
(1PNF3B(na escola(n.11)))  
(1PNF3B(na escola(n.11)))  
(1PNF3B(A maioria(n.11)))  
(1PNF3B(A maioria(n.11)))  
(1PNF3B(das escolas(n.11)))  
(1PNF3B(a água(n.11)))  
(1PNF3B(a escola(n.11)))  
(1PNF3B(minha prima(n.12)))  
(1PNF3B(a mesma idade(n.12)))  
(1PNF3B(na mangueira(n.12)))  
(1PNF3B(nessa época(n.12)))

(1PNF3B(nas árvores(n.12)))  
(1PNF3B(minha infância(n.12)))  
(1PNF3B(na rua(n.12)))  
(1PNF3B(na rua(n.12)))  
(1PNF3B(na rua(n.12)))  
(1PNF3B(Na escola(n.12)))  
(1PNF3B(a escola(n.12)))  
(1PNF3B(a unha(n.12)))  
(1PNF3B(aquela época, né!(n.12)))  
(1PNF3B(as irmãs(n.12)))  
(1PNF3B(na escola(n.12)))  
(1PNF3B(a época(n.12)))  
(1PNF3B(da escola(n.12)))  
(1PNF3B(na missa(n.12)))  
(1PNF1C(minha boneca(n.13)))  
(1PNF1C(minha mãe(n.13)))  
(1PNF1C(minha mãe(n.13)))  
(1PNF1C(Minha mãe(n.13)))  
(1PNF1C(minha mãe(n.13)))  
(1PNF1C(minha mãe(n.13)))  
(1PNF1C(minha mãe(n.13)))  
(1PNF1C(única filha(n.13)))  
(1PNF1C(as lanchas(n.13)))  
(1PNF1C(na Bahia da gaiva(n.13)))  
(1PNF1C(essa Bahia(n.13)))

(1PNF1C(na corixa(n.13)))

(1PNF1C(as crianças(n.13)))

(0ANF1C(a gente gostava muito, tempo de moça, né, jovem, baile, festa, Santo Antônio, São João, São Pedro, né! ESSES FESTAS assim aniversário, Mas tinha aniversário que mamãe deixava i, mas tinha alguma coisa, alguma festinha que podia chora bastante... Nas... (risos) não deixava(n.13))).

(0ANF1C(era violão, sanfona... Acordeão ESSES COISAS... Nessa época não tinha guitarra... Essas coisas assim!(n.13)))

(1PNF1C(Nessa época(n.13)))

(0ANF1C(não tinha... Não a luz era assim, até O MEIA NOITE funcionava... Só tinha aquela usina de Julinho, né! Daí cabava a luz, né! (n.13)))

(1PNF1C(aquelas festas(n.13)))

(1PNF1C(a rainha(n.13)))

(1PNF1C(a juíza(n.13)))

(1PNF1C(na época(n.13)))

(1PNF1C(aquela praça(n.13)))

(1PNF1C(nossa cultura(n.13)))

(1PNF1C(essa época(n.13)))

(1PNF1C(a segunda(n.13)))

(1PNF1C(uma roupa(n.13)))

(1PNF1C(aquela roupa(n.13)))

(1PNF1C(uma árvore frutífera(n.13)))

(0ANF1C(Eu fiz, porque ela foi representa uma árvore frutífera, como se ela era uma árvore!  
De frutas naturais daqui de Cáceres, né! Então ela ofereceu pro Coronel uma cesta, que era só  
as frutas nossas, manga, caju, abacate! Só ESSES GOIABA! (n.13)))

(1PNF1C(Minha mãe(n.13)))

(0ANF1C(alegria que agente nota era ESSES COISAS né que agente graças a Deus se  
divertia(n.13)))

(0ANF1C(pra quem conheceu o que era o siriri bate naquela no banquinho de couro né ESSE  
MENINA(n.13)))

(0ANF1C(Urtima festa que passei NO DONA FELICIANA MOTTA roubaram o São  
Sebastião(n.13)))

(0ANF1C(É como benzedô de quebrante DESSES COISAS(n.13)))

(0ANF1C(eu tava aqui há... teve lá NO DONA no mulhe no dona Orga. (n.13))).

(0ANF1C(eu tava aqui há... teve lá no dona NO MULHE no dona Orga. (n.13))).

(0ANF1C(eu tava aqui há... teve lá no dona no mulhe NO DONA ORGA. (n.13))).

(1PNF1C(a festa(n.14)))

(1PNF1C(a festa(n.14)))

(1PNF1C(a festa(n.14)))

(1PNF1C(àquela festa(n.14)))

(1PNF1C(a festa(n.14)))

(1PNF1C(minha madrinha(n.14)))

(1PNF1C(na fazenda(n.14)))

(1PNF1C(a reza(n.14)))

(1PNF1C(minha mãe(n.14)))

(1PNF1C(na minha casa(n.14)))

(1PNF1C(minha mãe(n.14)))

(1PNF1C(minha mãe(n.14)))

(1PNF1C(as crianças(n.14)))

(1PNF1C(as aulas(n.14)))

(1PNF1C(Na época(n.14)))

(0ANF1C(Na época eu gostava muito ... bom eu ia no baile, gostava de dança eu ia no baile, mas naquele tempo num tinha bebida agente nunca saia assim ... ah tem cervedjã. Num usava cervedjã essas coisas. Gente dançava tinha arvorada, gostava de arvorada, hoje tem aniversário onde tem aniversário? Vão faze arvorada? vamo, aí vinha TUDO AQUELA TURMA fazendo arvorada. (n.14)))

(1PNF1C(na sua casa(n.14)))

(1PNF1C(a banda(n.14)))

(1PNF1C(minha casa(n.14)))

(1PNF1C(minha mãe(n.14)))

(1PNF1C(uma tia minha(n.14)))

(1PNF1C(minha fia(n.14)))

(1PNF1C(minha mãe(n.14)))

(1PNF1C(a menina(n.14)))

(1PNF1C(minha mãe(n.14)))

(1PNF1C(minha tia(n.14)))

(1PNF1C(minha prima(n.14)))

(1PNF1C(a tia(n.14)))

(0ANF1C(ESSE JOCINEIDE, nunca minhas crianças nunca comprei roupa pros meus filhos. Meus filhos num usô, tudo eu que fazia. Aí eu vim embora, aí vim fica com minha cunhada, morava tudo nessa casinha, nessa época o banheiro a privada que falava né(n.14)))

(0ANF1C(Nessa Ele passava mês e mês nesse mundão de meu Deus aí, só tirando couro e já tinha a prancha né, ia lá buscá pra vende, aí foi tudo proibido, aí viemo pra Guacerito mas, viemo na eu vim NO LANCHIA BOIEIRO. Lá de Corumbá até qui no Descalvado.Cedo eles levantaram foram caça, eles memo não levantô porque tinha lobo menina! ... como que tinha lobo! (n.14)))

(0ANF1C(Era só eu de mulher. E saíram, saíram Sebastião, Seu Sandová tava djunto e seu Nani. Eles treis e o pião, saíram pra vir NO SANTA, não num era no São Sebastião pedi recurso pra i lá pra arruma o caminhão, saíram pidindo água(n.14)))

(1PNF2C(Na época(n.15)))

(1PNF2C(as colequinhas(n.15)))

(1PNF2C(na rua(n.15)))

(1PNF2C(na minha casa(n.15)))

(1PNF2C(minha mãe(n.15)))

(1PNF2C(na mesma época(n.15)))

(1PNF2C(as matérias(n.15)))

(1PNF2C(as freiras(n.15)))

(1PNF2C(minha professora(n.15)))

(1PNF2C(uma francesa(n.15)))

(1PNF2C(a missa(n.15)))

(1PNF2C(pras fazendas(n.15)))

(1PNF2C(minha avó(n.15)))

(1PNF2C(na casa(n.15)))

(1PNF2C(a festa(n.15)))

(1PNF2C(na praça(n.15)))

(1PNF2C(na casa(n.15)))

(1PNF2C(nas festas(n.15)))

(1PNF2C(minha mãe(n.15)))

(1PNF2C(pra casa(n.15)))

(1PNF2C(pra casa(n.15)))

(1PNF2C(a turma(n.15)))

(1PNF2C(das irmãs(n.15)))

(1PNF3C(A diversão(N.16)))

(1PNF3C(as crianças(N.16)))

(1PNF3C(dona Mariinha(N.16)))

(1PNF3C(a bola(N.16)))

(1PNF3C(minha irmã(N.16))),

(0HNF3C(Já, não teve mai nada disso, antigamente nós brincávamos, hoje não brincam mais, nós brincávamos até moça! Sabe? A TURMA NOSSO era grande, era Iara, era dois filho de Ponce, era ai do seu... Como que era... Dentista ali oh... Perto do Dr. Araújo não morava nessa rua, era Neli, dona Mili tinha as filhas dela que era a turma de djogá vôlei... Ai casaram, foram embora, ai que dona Tetê moro aí! (N.16)))

(1PNF3C(as filhas(N.16)))

(1PNF3C(a turma(N.16)))

(0HNF3C(Queimada bola de queimada? Nós fazia de meia, meia furada, nós fazia bastante, colocava uma dentro da outra, né! Até virá aquele volume grosso. Esse era a bola nossa. Bola de pobre, mai num duia. (risos) não, aquela não dói não! Dói a de borracha que páa, estora assim NO SUA PERNA, arde, né! De meia não... (N.16)))

(1PNF3C(a brincadeira(N.16)))

(1PNF3C(na boca(N.16)))

(1PNF3C(A menina da

(1PNF3C(as meninas(N.16)))

(1PNF3C(minha residência(N.16)))

(1PNF3C(na escola(n.16)))

(1PNF3C(era a mesma equipe(n.16)))

(1PNF3C(na praça(N.16)))

(1PNF3C(na areia(N.16)))

(1PNF3C(minhas duas irmãs(N.16)))

(1PNF3C(As irmãs metralha(N.16)))



(1PNF3C(na praça(N.16)))  
(1PNF3C(da turma(N.16)))  
(1PNF3C(na drogaria Renata(N.16)))  
(1PNF3C(da praça, (N.16)))  
(1PNF3C(da praça(N.16)))  
(1PNF3C(das mesas(N.16)))  
(1PNF3C(na minha casa(N.16)))  
(1PNF3C(as crianças(N.16)))  
(1PNF3C(a fantasia(N.16)))  
(1PNF3C(a mulher(N.16)))  
(1PNF3C(na minha época(N.16)))  
(1PNF3C(a turma(N.16)))  
(1PNF3C(minha irmã(N.16)))  
(1PNF3C(Minha infância (N.17)))  
(1PNF3C(A educação (N.17)))  
(1PNF3C(a educação (N.17)))  
(1PNF3C(na escola (N.17)))  
(1PNF3C(na época (N.17)))  
(1PNF3C(a Faculdade (N.17)))  
(1PNF3C(nas aulas (N.17)))  
(1PNF3C(na hora (N.17)))  
(1PNF3C(na faculdade (N.17)))  
(1PNF3C(as crianças (N.17)))  
(1PNF2C(Minha infância(N.18)))

(1PNF2C(minha infância(N.18)))

(1PNF2C(uma infância(N.18)))

(1PNF2C(uma infância(N.18)))

(1PNF2C(minha mãe(N.18)))

(1PNF2C(uma infância(N.18)))

(1PNF2C(uma infância(N.18)))

(1PNF2C(na roça(N.18)))

(1PNF2C(minha infância(N.18)))

(1PNF2C(minha adolescência(N.18)))

(1PNF2C(a minha juventude(N.18)))

(1PNF2C(uma senhora(N.18)))

(1PNF2C(uma juventude(N.18)))

(1PNF2C(a janela(N.18)))

(1PNF2C(uma irmã minha(N.18)))

(1PNF2C(uma fase(N.18)))

(1PNF2C(a violência(N.18)))

(1PNF2C(uma pequenina(N.18)))

(1PNF2C(minha companheira(N.18)))

(1PNF2C(minha vida(N.18)))

(1PNF2C(minha vida(N.18)))

(1PNF2C(na vida(N.18)))

(1PNF2C(das coisas boas(N.18)))

(1PNF2C(suas vidas(N.18)))

(1PNF2C(uma vitória(N.18)))

(1PNF2C(minhas jóias(N.18)))

(1PNM1A(na rua(n.19)))

(1PNM1A(na rua(n.19)))

(1PNM1A(a escola(n.19)))

(1PNM1A(na época(n.19)))

(1PNM1A(da Vila(n.19)))

(1PNM1A(a pessoa(n.19)))

(1PNM1A(uma irmã(n.19)))

(1PNM1A(uma menina(n.19)))

(1PNM1A(a minha mãe (n.19)))

(1PNM1A(na época(n.19)))

(1PNM1A(na época(n.19)))

(1PNM1A(na época(n.19)))

(1PNM1A(na escola(n.19)))

(1PNM1A(as brincadeiras(n.19)))

(1PNM1A(na adolescência(n.19)))

(1PNM1A(na avenida(n.19)))

(1PNM1A(na Vila(n.19)))

(0HNM1A(Santo Antônio eu já fui NO NOSSA SENHORA DO CARMO lá no Taquaral(n.19)))

(1PNM1A(a festa(n.19)))

(1PNM1A(a reza(n.19)))

(1PNM2A(a mensagem(n.20)))

(1PNM2A(A participação(n.20)))

(1PNM2A(a idéia(n.20)))  
(1PNM2A(a amizade(n.20)))  
(1PNM2A(a vida inteira(n.20)))  
(1PNM2A(as crianças(n.20)))  
(1PNM2A(A faixa etária(n.20)))  
(1PNM2A(a diretoria(n.20)))  
(1PNM2A(a Graciele(n.20)))  
(1PNM2A(uma página(n.20)))  
(1PNM2A(da Vila(n.20)))  
(1PNM2A(uma coisa(n.20)))  
(1PNM2A(uma coisa(n.20)))  
(1PNM2A(uma igreja(n.20)))  
(1PNM2A(numa festa(n.20))),  
(1PNM2A(numa escola(n.20)))  
(1PNM2A(uma coisa fantástica(n.20)))  
(1PNM2A(minha pessoa(n.20)))  
(1PNM2A(as idéias(n.20)))  
(1PNM2A(a coordenadora(n.20)))  
(1PNM2A(a criançada(n.20)))  
(1PNM2A(as pessoas(n.20)))  
(1PNM2A(a quadra(n.20)))  
(1PNM2A(a criançada(n.20)))  
(1PNM2A(da diretora(n.20)))  
(1PNM2A(a diretora(n.20)))  
(1PNM2A(a idéia(n.20)))

(1PNM2A(A universidade(n.20)))

(1PNM2A(as pessoas(n.20)))

(1PNM2A(a premiação(n.20)))

(1PNM2A(a fantasia(n.20)))

(1PNM2A(na reunião(n.20)))

(1PNM2A(as idéias(n.20)))

(1PNM2A(as coisas(n.20)))

(1PNM2A(na escola(n.20)))

(1PNM2A(a professora(n.20)))

(1PNM2A(a miséria(n.20)))

(1PNM2A(a mulher(n.20)))

(1PNM2A(a cópia(n.20)))

(1PNM2A(a camisa(n.20)))

(1PNM2A(as coisas(n.20)))

(1PNM2A(a maioria(n.20)))

(1PNM2A(a camiseta(n.20)))

(1PNM2A(na cidade(n.20)))

(1PNM2A(a participação(n.20)))

(1PNM2A(a mídia(n.20)))

(1PNM2A(uma dançanteria(n.20)))

(1PNM2A(a massa(n.20)))

(1PNM2A(a periferia(n.20)))

(1PNM2A(a violência(n.20)))

(1PNM2A(a pessoa(n.20)))

(1PNM3A(minha vó(n.21)))

(1PNM3A(minha vó(n.21)))

(1PNM3A(na rua(n.21)))

(1PNM3A(na rua(n.21)))

(1PNM3A(na rua(n.21)))

(1PNM3A(na época(n.21)))

(1PNM3A(na época(n.21)))

(1PNM3A(na rua(n.21)))

(1PNM3A(uma professora(n.21)))

(0ANM3A(Eu fiquei meio assim porque ela era assim rígida e ela pegava muito no meu pé e eu acabei saindo de lá, ai fui pro colégio adventista, fiz minha primeira série no adventista e o segundo também a terceira série eu fui pro estadual porque tinha um amigo(n.21)))

(1PNM3A(minha mãe(n.21)))

(1PNM3A(a professora(n.21)))

(1PNM3A(minha mãe(n.21)))

(1PNM3A(minha mãe(n.21)))

(1PNM3A(Minha mãe(n.21)))

(1PNM3A(na minha época(n.21)))

(1PNM3A(na oitava série(n.21)))

(1PNM3A(minha prima(n.21)))

(1PNM3A(minha tia(n.21)))

(1PNM3A(a Carolina(n.21)))

(1PNM3A(Na época(n.21)))

(1PNM3A(a turma(n.21)))

(1PNM3A(minha mãe(n.21)))  
(1PNM3A(na rua (n.21)))  
(1PNM3A(na cidade(n.21)))  
(1PNM3A(as festas(n.21)))  
(1PNM3A(minha mãe(n.21)))  
(1PNM3A(uma igreja(n.21)))  
(1PNM3A(minha vó(n.21)))  
(1PNM3A(na rua(n.22)))  
(1PNM3A(minha mãe(n.22)))  
(1PNM3A(a maioria(n.22)))  
(1PNM3A(naquela rua(n.22)))  
(1PNM3A(minha mãe(n.22)))  
(1PNM3A(a professora(n.22)))  
(1PNM3A(a professora(n.22)))  
(1PNM3A(a professora(n.22)))  
(1PNM3A(a menina(n.22)))  
(1PNM3A(na sala(n.22)))  
(1PNM3A(a única menina(n.22)))  
(1PNM3A(na rua(n.22)))  
(1PNM3A(a porta(n.22)))  
(1PNM3A(a pessoa(n.22)))  
(1PNM3A(a porta(n.22)))  
(1PNM1B(a nossa infância(n.23)))  
(1PNM1B(naquela época(n.23)))  
(1PNM1B(na época(n.23)))

(1PNM1B(na praça(n.23)))

(1PNM1B(na avenida(n.23)))

(0HNM1B(De baixo daquelas figueiras, ali então ficava os carros de boi dessas pessoas que vinha aqui DO CHAMADA MORRARIA, Vila Aparecida, essa região aqui de Porto Estrela... Então era chamado morraria que vinha esses chamado morroqueanos né, pessoal da morraria, tradicionalmente vinham comercializa sua produção aqui na cidade(n.23)))

(1PNM1B(na época(n.23)))

(1PNM1B(na praça(n.23)))

(1PNM1B(na cidade(n.23)))

(1PNM1B(minha infância(n.23)))

(1PNM1B(minha mãe(n.23)))

(1PNM1B(uma tia minha(n.23))),

(1PNM1B(uma madrinha minha(n.23)))

(1PNM1B(uma viagem, (n.23)))

(1PNM1B(Na viagem(n.23)))

(1PNM1B(na estrada(n.23)))

(1PNM1B(na cidade(n.23)))

(1PNM1B(na rodoviária(n.23)))

(1PNM1B(na época(n.23)))

(1PNM1B(essa época(n.23)))

(1PNM1B(minha mãe(n.23)))

(1PNM1B(minha vó(n.23)))

(1PNM1B(a casa(n.23)))



(1PNM1B(minha vó(n.23)))

(1PNM1B(minha vó(n.23)))

(1PNM1B(minha vó(n.23)))

(1PNM1B(naquela época(n.23)))

(1PNM1B(a oitava(n.23)))

(1PNM1B(a oitava série(n.23)))

(1PNM1B(nessa época(n.23)))

(0HNM1B(E eu via que nessa época os professores era bastante rígidos! Eu lembro que no meu di,di, di, no meu primeiro ano até o quarto ano, de primeira série até O QUARTA SÉRIE os professores eram bastante rígidos era aqueles professores que tratavam(n.23)))

(1PNM1B(a época(n.23)))

(1PNM1B(minha mãe(n.23)))

(1PNM1B(na época(n.23)))

(1PNM1B(a palmatória(n.23)))

(1PNM2B(na rua(N.24)))

(1PNM2B(minha mãe(N.24)))

(1PNM2B(na época(N.24)))

(1PNM2B(na época(N.24)))

(1PNM2B(na rua(N.24)))

(1PNM2B(todas as ruas(N.24)))

(0ANM2B(Muito mal um radiosinho pra ouvi uma música. Então ESSES BRINCADEIRAS que chamávamos de pegador, era corrida né!

(1PNM2B(as meninas(N.24)))  
(1PNM2B(nessa época(N.24)))  
(1PNM2B(a Diretora(N.24)))  
(1PNM2B(a escola(N.24)))  
(1PNM2B(uma merenda(N.24)))  
(1PNM2B(a palmatória(N.24)))  
(1PNM2B(na época(N.24)))  
(1PNM2B(na mão(N.24)))  
(1PNM2B(a tabuada(N.24))),  
(1PNM2B(na catedral(N.24)))  
(1PNM2B(na praça(N.24)))  
(1PNM2B(na entrada(N.24)))  
(1PNM2B(uma música(N.24)))  
(1PNM2B(da época(N.24)))  
(1PNM2B(na época(N.24)))  
(1PNM2B(a praça(N.24)))  
(1PNM2B(a fanfarra(N.24)))  
(1PNM2B(na época(N.24)))  
(1PNM2B(na rua(N.24))),  
(1PNM2B(as primeiras(N.24)))  
(1PNM2B(na época(N.24)))  
(1PNM2B(uma viagem(N.24)))  
(1PNM2B(Na minha infância(n.25)))  
(1PNM2B(a comida(n.25))).  
(1PNM2B(na época(n.25)))

(1PNM2B(as porta(n.25)))

(1PNM2B(a professora(n.25)))

(1PNM2B(a roupa(n.25)))

(1PNM2B(na baia(n.25)))

(1PNM2B(nessa época(n.25)))

(1PNM2B(as construções(n.25)))

(1PNM2B(as construções(n.25)))

(1PNM2B(as ruas(n.25)))

(1PNM2B(as pessoas(n.25)))

(1PNM2B(as lembranças(n.25)))

(1PNM2B(a festa(n.25)))

(1PNM2B(as pessoas(n.25)))

(1PNM2B(na época(n.25)))

(1PNM2B(nessa época(n.25)))

(1PNM2B(na porta(n.25)))

(1PNM2B(as coisas(n.25)))

(1PNM2B(Na época(n.25)))

(1PNM2B(Na época(n.25)))

(1PNM2B(na mão(n.25)))

(0ANM2B(Fez o ginásio, daí que eu fui pra ceon né. Fiz o ceon eu fiz o básico eu não queria fazê contabilidade porque eu nao gosto DO ÁREA. Então, eu fiz eletricidade, fiz dois anos de eletricidade também não gostava mas, não tinha outro, aí eu gostaria eu queria fazê o técnico agrícola, aí larguei do básico do eletricidade e fui pró técnico(n.25)))

(1PNM2B(a criança(n.25)))  
(1PNM2B(uma senhora(n.25)))  
(1PNM2B(sua casa(n.25)))  
(1PNM2B(na nossa época(n.25)))  
(1PNM2B(a primeira televisão(n.25)))  
(1PNM2B(as portas(n.25)))  
(1PNM2B(na época(n.25)))  
(1PNM2B(na cidade(n.25)))  
(1PNM2B(Na época(n.25)))  
(1PNM2B(minha época(n.25)))  
(1PNM2B(Na época (n.25)))  
(1PNM2B(a bicicleta(n.25)))  
(1PNM2B(na época(n.25)))  
(1PNM2B(uma bicicleta(n.25)))  
(1PNM2B(na biciretaria(n.25)))  
(1PNM2B(a cidade(n.25)))  
(1PNM2B(da Imaculada Conceição(n.25)))  
(1PNM2B(na época(n.25)))  
(1PNM2B(uma coisa boa(n.25)))  
(1PNM2B(uma coisa tão bonita(n.25)))  
(1PNM2B(na escola(n.25)))  
(1PNM2B(a diferença(n.25)))  
(1PNM2B(na escola(n.25)))  
(1PNM2B(das professoras(n.25)))  
(1PNM2B(da escola(n.25)))

(1PNM2B(na minha época(n.25)))

(1PNM2B(na casa(n.25)))

(1PNM2B(na brincadeira(n.25)))

(1PNM2B(a pilha(n.25)))

(0ANM2B(muita vez, era disco era disco de vinil né, muitas vez o a pilha já tava fraca então, nós colocava caixa de fósforo em cima da porque assim que ia enfraquecendo a pilha O AGULHA não ficava assentava em cima do disco começava a pula, então nós colocava caixa de fósforo pra ela não pula.na minha turma A diversão era dança:Não, não muito pouco pelo menos na minha turma não sabia. A diversão era dança, reunia domingo, feriado, inventava qualquer coisa (n.25)))

(1PNM2B(nessa época(n.25)))

(1PNM2B(A praça(n.25)))

(1PNM2B(minha filha(n.25)))

(1PNM2B(minha turma (n.25)))

(1PNM2B(na minha época (n.25)))

(1PNM2B(minha irmã(n.25)))

(1PNM3B(na época(n.26)))

(1PNM3B(nossa turma(n.26)))

(1PNM3B(a praça(n.26)))

(1PNM3B(na árvore(n.26)))

(1PNM3B(uma bolinha(n.26)))

(1PNM3B(da escola(n.26)))

(1PNM3B(na escola(n.26)))

(1PNM3B(na minha época(n.26)))

(1PNM3B(na época(n.26)))

(1PNM3B(Na igreja(n.26)))

(1PNM3B(a bandeira(n.26)))

(1PNM3B(a professora(n.26)))

(1PNM3B(a bandeira(n.26)))

(1PNM3B(a bandeira(n.26)))

(1PNM3B(a professora(n.26)))

(1PNM3B(uma vizinha(n.26)))

(1PNM3B(na funerária(n.26)))

(1PNM3B(a pessoa(n.26)))

(1PNM3B(as pessoas(n.26)))

(1PNM3B(a carne(n.26)))

(1PNM3B(a vaca(n.27)))

(1PNM3B(as patinhas(n.27)))

(1PNM3B(as patas(n.27)))

(1PNM3B(na época(n.27)))

(1PNM3B(da época(n.27)))

(1PNM3B(da palmatória(n.27)))

(1PNM3B(a palmatória(n.27)))

(1PNM3B(na mão(n.27)))

(1PNM3B(A professora(n.27)))

(1PNM3B(a mão(n.27)))

(1PNM3B(a senhora Ana(n.27)))

(1PNM3B(na época(n.27)))

(1PNM3B(a sala de aula(n.27)))

(1PNM3B(a sua chave(n.27)))

(1PNM3B(na época(n.27)))

(1PNM3B(a sala (n.27)))

(1PNM3B(na época (n.27)))

(1PNM3B(na cidade(n.27)))

(1PNM3B(a praça(n.27)))

(1PNM3B(a outra rua(n.27)))

(1PNM3B(na figueira(n.27)))

(1PNM3B(na figueira(n.27)))

(1PNM3B(Na época(n.27)))

(1PNM3B(uma figueira(n.27)))

(1PNM3B(na casa(n.27)))

(1PNM3B(A primeira atividade(n.27)))

(1PNM3B(na porta (n.27)))

(1PNM3B(da escola(n.27)))

(1PNM3B(na construção (n.27)))

(1PNM3B(na quadra(n.27)))

(1PNM3B(na construção(n.27)))

(1PNM3B(na serraria(n.27)))

(1PNM3B(na avenida(n.27)))

(1PNM3B(Aquela área(n.27)))

(1PNM3B(a máquina(n.27)))

(1PNM3B(minha mãe(n.27)))

(1PNM3B(minha vó(n.27)))

(1PNM3B(da escola(n.27)))

(1PNM3B(a praça(n.27)))

(1PNM3B(na esquina(n.27)))

(1PNM3B(na esquina(n.27)))

(1PNM3B(minha faculdade(n.27)))

(1PNM3B(minha memória(n.27)))

(1PNM3B(as escolas(n.27)))

(1PNM3B(A escola(n.27)))

(0HNM3B(Então, ai os melhores alunos ia pra fanfarra... Era escolhido a dedo! Em todas as escolas porque antigamente, é... A escola que melhor... É... Desfilasse, que melhor instrumento, O EQUIPE MAIS ORGANIZADAS... Com seus instrumentos que ganhava o prêmio. (n.27)))

(1PNM1C(na rua(n.28)))

(1PNM1C(na casa(n.28)))

(1PNM1C(a beira(n.28)))

(1PNM1C(a entrada da fazenda (n.28)))

(1PNM1C(nessa época(n.28)))

(1PNM1C(da praça(n.28)))

(1PNM1C(a maioria(n.28)))

(1PNM1C(a nuvem(n.28)))

(1PNM1C(nas casas (n.28)))

(1PNM1C(as ruas(n.28)))

(1PNM1C(a rua(n.28)))



(1PNM1C(a rua(n.28)))  
(1PNM1C(uma leitaria(n.28)))  
(1PNM1C(na rua (n.28)))  
(1PNM1C(na rua(n.28)))  
(1PNM1C(as casinhas(n.28)))  
(1PNM1C(a tchacara(n.28)))  
(1PNM1C(naquela época(n.28)))  
(1PNM1C(na lancha(n.28)))  
(1PNM1C(as latas(n.28)))  
(1PNM1C(a guerra(n.28)))  
(1PNM1C(a segunda guerra mundial(n.28)))  
(1PNM1C(a cola(n.28)))  
(1PNM1C(na fita(n.28)))  
(1PNM1C(na casa Glória(n.28)))  
(1PNM1C(na casa Glória(n.28)))  
(1PNM1C(as dívidas(n.28)))  
(1PNM1C(na prefeitura(n.28)))  
(1PNM1C(a guerra(n.28)))  
(1PNM1C(a segunda guerra mundial(n.28)))  
(1PNM1C(a sirene(n.28)))  
(1PNM1C(a sirene(n.28)))  
(1PNM1C(na rua(n.28)))  
(1PNM1C(a guerra(n.28)))  
(1PNM1C(na época(n.28)))  
(1PNM1C(da guerra(n.28)))

(1PNM1C(da guerra(n.28)))

(1PNM1C(a guerra(n.28)))

(1PNM1C(a guerra (n.28)))

(1PNM1C(pra Vila Bela(n.28)))

(1PNM1C(a coluna, (n.28)))

(1PNM1C(a companhia de Brasília(n.28)))

(1PNM1C(as máquinas(n.28)))

(1PNM1C(a chuva(n.28)))

(1PNM1C(na balsa, (n.28)))

(1PNM1C(a comida(n.28)))

(1PNM1C(na minha casa(n.29)))

(1PNM1C(minha esposa(n.29)))

(1PNM1C(a gasolina(n.29)))

(1PNM1C(a sanfona(n.29)))

(1PNM1C(aquelas festas(n.29)))

(1PNM1C(a moça(n.29)))

(1PNM1C(minha mãe(n.29)))

(1PNM1C(a Curumbá(n.29)))

(0HNM1C(era antigamente ... era Vital é Vital Migués né! Ai passô... não, não tudo em Curumbá esse era O EMPRESA de navegação Migués né! Ai passô pro João Luiz Migués, filho do Vital né ai o Vital morreu, fico só o filho, ai eu trabalhei só nessa empresa eu trabalhei vinte ano ...vida du rio...do riu a minha vida foi tudo bera de rio(n.29)))

(0HNM1C(a minha vida mais sodade que eu tenho era das festas que tem, quando era sorteiro... vida boa! Era aquelas festa que... tchegava dia de festa assim o nego já ficava um mês aprontano antes né! Já vô... vô! Casei ropa ta loco! Para i mas festa de fulano né, AQUELE COISA BOA, tão bunito que era antigamente. Agora, hoje a senhora não pode faze mai nada, briga... ta feio! (n.29)))

(1PNM1C(na cidade(n.29)))

(0ANM1C(aqui era uma estradinha aí... aí não tinha ESSE RUA não tinha nada aí era uma estradinha de carroça aí(n.29)))

(0ANM1C(não não vamos fazer isso isso aqui é UM RELÍQUIA esse é pra nós né(n.29)))

(0ANM1C(hora DESSE GURIZADA tava tudo pelado tomano banho aí(n.29)))

(0ANM1C(e hoje O SENHORA sai aí pega matano uma capivara aí cai na cadeia senta no borracha até(n.29)))

(0ANM1C(e hoje o senhora sai aí pega matano uma capivara aí cai na cadeia senta NO BORRACHA até(n.29)))

(1PNM3C(as plantas(n.30)))

(0ANM3C(É. Marissor, até cortadu MEU ASSINATURA do jornal "Estado de São Paulo" porque eu lia, i ficava bravu. Ai pra num ficá irritadu, de vê essas notícias num pode fazê

nada, você não toma parte ativa, num podi opinar nada dissu, mais é, vitima de tudu o que ocorre, é, é, i, i, i, eu me sintu comu uma das vítimas mais pisotiada, por isso eu me sintu indignadoas pessoasà própria vida das pessoas(n.30)))

(1PNM3C(as pessoas(n.30)))

(1PNM3C(na nação(n.30)))

(1PNM3C(as filhas(n.30)))

(1PNM3C(a uma pensão(n.30)))

(1PNM3C(Minha infância(n.31)))

(1PNM3C(Minha infância(n.31)))

(1PNM3C(na fazenda(n.31)))

(1PNM3C(a vida(n.31)))

(1PNM3C(na cidade(n.31)))

(1PNM3C(uma vida(n.31)))

(1PNM3C(minha prima(n.31)))

(1PNM3C(uma infância(n.31)))

(1PNM3C(uma infância(n.31)))

(1PNM3C(na fazenda(n.31)))

(1PNM3C(na vida(n.31)))

(1PNM3C(na fazenda(n.31)))

(1PNM3C(as pessoas(n.31)))

(1PNM3C(uma pessoa(n.31)))

(1PNM3C(minha época(n.31)))

(1PNM3C(na época(n.31)))

(1PNM3C(a tecnologia(n.31)))

(1PNM3C(numa época(n.31)))  
(1PNM3C(a ética(n.31)))  
(1PNM3C(a pessoa(n.31)))  
(1PNM3C(a pessoa(n.31)))  
(1PNM3C(na escola(n.31)))  
(1PNM3C(na rua(n.31)))  
(1PNM3C(na prefeitura(n.31)))  
(1PNM3C(na picareta(n.31)))  
(1PNM3C(a pessoa(n.31)))  
(1PNM3C(a pessoa(n.31)))  
(1PNM3C(as pessoas(n.31)))  
(1PNM3C(a evolução(n.31)))  
(1PNM3C(as pessoas(n.31)))  
(1PNM3C(as pessoas(n.31)))  
(1PNM3C(a nossa realidade(n.31)))  
(1PNM3C(na nossa educação(n.31)))  
(1PNM3C(a educação(n.31)))  
(1PNM2A(minha passagem(N. 32)))  
(1PNM2A(a farda(N. 32)))  
(1PNM2A(a fronteira(N. 32)))  
(1PNM2A(na fronteira(N. 32)))  
(1PNM2A(a área nacional(N. 32)))  
(1PNM2A(a cidade(N. 32)))  
(1PNM2A(a minha saída(N. 32)))  
(1PNM2A(uma lição(N. 32)))

(1PNM2A(uma coisa boa(N. 32)))

(1PNM2A(uma experiência(N. 32)))

(1PNM2A(uma experiência(N. 32)))

(1PNM2A(minha vida(N. 32)))